



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH VI
CAMPUS VI - CAETITÉ
COLEGIADO DE LETRAS LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

LAYLA STEFANNY RAMOS FRAGA

**O PAPEL DAS RELAÇÕES CULTURAIS NA EFICÁCIA DA
COMUNICAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA**

**CAETITÉ – BA
2025**

LAYLA STEFANNY RAMOS FRAGA

**O PAPEL DAS RELAÇÕES CULTURAIS NA EFICÁCIA DA COMUNICAÇÃO EM
LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Ciências Humanas Campus VI, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Ferreira da Silva

**CAETITÉ – BA
2025**

LAYLA STEFANNY RAMOS FRAGA

**O PAPEL DAS RELAÇÕES CULTURAIS NA EFICÁCIA DA COMUNICAÇÃO EM
LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de
Licenciada em Letras – Língua Inglesa na Universidade do Estado da Bahia.

Caetité, 11 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Reinaldo Ferreira da Silva

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Prof. Dr. Danilo da Silva Santos Brito

Centro Multidisciplinar de Bom Jesus da Lapa - UFOB

Prof.^(a) Dr^(a). Polyanna Castro Rocha Alves

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem
ela tampouco a sociedade muda.”

(Freire, 2000, p. 31).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por me conceder força e saúde para persistir nesta caminhada. À minha família, pelo suporte incondicional. Em especial, à minha mãe, Irani, e à minha irmã, Àilla, minha gratidão infinita por serem minha primeira plateia, ouvindo pacientemente as inúmeras vezes em que repeti a leitura do meu TCC e validando cada parágrafo com carinho. Vocês são meu chão e minha identidade inegociável.

Ao meu orientador, Professor Reinaldo, pela orientação sábia e, acima de tudo, pela paciência em me “suportar” durante todo o processo. Obrigado por atuar como mediador, ajudando-me a traduzir ideias soltas em conhecimento acadêmico. Aos membros da minha banca examinadora, Professora Polyanna e Professor Danilo, agradeço imensamente pelas leituras atentas e pelas contribuições valiosas que foram essenciais para a melhora e o refinamento deste trabalho. Aos professores Keila e Romar, agradeço pela ajuda fundamental no processo de escrita e estruturação da pesquisa.

Ao meu namorado, Yan, pelo amor e, principalmente, pela paciência de ter aguentado meus momentos de estresse e ansiedade sem soltar a minha mão. Aos meus amigos, que não citarei nominalmente para evitar ciúmes e brigas, mas vocês sabem quem são. Obrigada por todo o apoio na escrita e por tornarem o fardo mais leve com a amizade de vocês. Aos colegas da UNEB, com quem compartilhei os momentos inesquecíveis dessa jornada, transformando dificuldades em aprendizado e união.

Por fim, e não menos importante, agradeço a mim mesma. Pela resiliência de batalhar contra o tempo, por vencer a falta de sono, por superar as expectativas e, enfim, ter chegado até aqui. A este trabalho, que me ensinou que, no encontro com o conhecimento, assim como no encontro entre culturas, saímos sempre transformados.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a relevância dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa, investigando como a cultura molda a interação e a construção de sentidos, utilizando como aporte teórico autores como Bakhtin (1979) e Hall (1997), cujas obras exploram a influência da cultura na língua e na construção de identidades, além de Agar (1994) e Byram (1997) para as questões de comunicação intercultural. Empregou-se uma metodologia de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, utilizando a Análise de Conteúdo de Bardin (1977) para examinar a obra cinematográfica *My Big Fat Greek Wedding* (2002). A escolha deste filme como objeto de estudo justifica-se por sua representatividade enquanto um caso exemplar para a exploração das implicações da comunicação intercultural, conflitos identitários, choques culturais e a importância da consideração dos aspectos culturais na interação linguística. Os resultados alcançados demonstram que a competência linguística isolada não garante a eficácia comunicativa, evidenciando a existência de “pontos ricos” onde a falta de referencial cultural gera ruídos na interpretação. Observou-se também que a língua inglesa atua como marcador de inclusão ou exclusão social e que a superação de estereótipos ocorre por meio da negociação de um “terceiro espaço” híbrido. Conclui-se, portanto, que a consciência intercultural é indispensável para a fluência em língua inglesa, atuando como elemento central para transformar a estranheza em compreensão mútua.

Palavras-chave: Comunicação; Cultura; Identidade; Língua Inglesa.

ABSTRACT

This study aims to analyze the relevance of cultural aspects in English language communication, investigating how culture shapes interaction and the construction of meaning, using as a theoretical framework authors such as Bakhtin (1979) and Hall (1997), whose works explore the influence of culture on language and identity construction, as well as Agar (1994) and Byram (1997) for issues of intercultural communication. A qualitative case study methodology was employed, using Bardin's (1977) Content Analysis to examine the cinematographic work *My Big Fat Greek Wedding* (2002). The choice of this film as an object of study is justified by its representativeness as an exemplary case for exploring the implications of intercultural communication, identity conflicts, cultural clashes, and the importance of considering cultural aspects in linguistic interaction. The achieved results demonstrate that linguistic competence alone does not guarantee communicative effectiveness, evidencing the existence of "rich points" where the lack of cultural reference generates noise in interpretation. It was also observed that the English language acts as a marker of social inclusion or exclusion and that overcoming stereotypes occurs through the negotiation of a hybrid "third space." It is concluded, therefore, that intercultural awareness is indispensable for fluency in the English language, acting as a central element to transform strangeness into mutual understanding.

Keywords: Communication; Culture; Identity; English Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Três círculos concêntricos de Kachru (1985)	21
Figura 2 - O circuito da cultura	30
Figura 3 - Desenvolvimento de uma análise	47
Figura 4 – O Recreio Escolar	51
Figura 5 – A Etimologia no Carro	53
Figura 6 – O Bolo Bundt	55
Figura 7 – O Vegetarianismo de Ian	56
Figura 8 – O Jantar de Apresentação	58
Figura 9 – O Discurso de Gus	59
Figura 10 – O Cuspe de Boa Sorte	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CI - Competência Intercultural

EUA - Estados Unidos da América

ICA - Consciência Intercultural

ILI - Inglês como Língua Internacional

ISL - Inglês como Segunda Língua

MEC - Ministério da Educação

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

RH - Recursos Humanos

TCA - Teoria da Acomodação Comunicativa

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ENTRE LÍNGUAS: A LÍNGUA COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO E CONEXÃO SOCIAL.....	17
2.1 Entre línguas: A globalização e a disseminação do inglês.....	19
2.2 Entre línguas: Variedades, desafios e impactos.....	22
3 ENTRE CULTURAS: O ENTRELAÇAMENTO ENTRE IDENTIDADE E COMUNICAÇÃO.....	26
3.1 Entre Culturas: A dinâmica da identidade.....	28
3.2 Entre Culturas: Identidade, comunicação e inglês como segunda língua.....	33
3.3 Entre Culturas: Identidade cultural e a influência no uso de palavras e expressões em inglês.....	36
4 ENTRE LÍNGUAS E CULTURAS: O PAPEL DO INGLÊS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS NA MÍDIA.....	38
5 METODOLOGIA.....	42
5.1 Classificação da Pesquisa.....	42
5.2 Objeto da Pesquisa.....	43
5.3 Percurso Metodológico: etapas da pesquisa.....	45
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	47
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXOS.....	67

1 INTRODUÇÃO

Language itself is defined by a culture. We cannot be competent in the language if we do not also understand the culture that has shaped and informed it (Kramersch, 1993, p. 23).¹

Este trabalho surge da percepção de que a comunicação é um processo complexo que envolve fatores cognitivos, sociais e culturais. No contexto da comunicação em língua inglesa, a cultura desempenha um papel fundamental, influenciando a maneira como os falantes utilizam a língua, interpretam mensagens e constroem relacionamentos.

Nessa perspectiva, a epígrafe que abre a introdução deste trabalho reafirma a noção de que a linguagem não é apenas um sistema abstrato de formas linguísticas, mas um fenômeno social que se manifesta através da interação verbal. Segundo Bakhtin (1979), a substância verdadeira da língua reside na comunicação entre os indivíduos, que ocorre por meio da enunciação ou das enunciações. Assim, a língua é intrinsecamente definida pelo contexto social e cultural no qual está inserida, sendo a competência linguística diretamente influenciada pela compreensão do ambiente cultural que a envolve.

Em um mundo globalizado e diversificado, a coexistência de inúmeras culturas, etnias e línguas gera uma rica mistura linguística que, ao mesmo tempo, reflete a complexidade cultural e histórica das comunidades, apresenta desafios significativos para a comunicação intercultural², uma vez que a língua, além de ser um mero meio de comunicação, é o veículo essencial para a transmissão de ideias, crenças e conhecimentos em uma sociedade específica, evidenciando a crescente importância da relação entre linguagem, contexto social e cultural na construção de significado, como aponta Risager (2006).

Desconsiderar os aspectos culturais subjacentes às interações pode resultar em mal-entendidos, conflitos, choques culturais e barreiras na troca de informações. De acordo com Scollon, Scollon e Jones (2012), a complexidade da comunicação intercultural reside no fato de que raramente interagimos com pessoas da mesma cultura. Ao pertencermos a múltiplas culturas, nossas interações são moldadas por uma intrincada rede de diferenças e semelhanças culturais, exigindo uma constante adaptação e negociação de significados.

Diante desses desafios, Agar (1994) propõe que os momentos de mal-entendidos em uma conversa sejam denominados de “pontos ricos”, onde há a oportunidade de vislumbrar a cultura e se tornar consciente das diferenças culturais. Ele menciona que, entre pessoas com

¹ “A própria linguagem é definida por uma cultura. Não podemos ser competentes em um idioma se não entendermos também a cultura que o moldou e o informou” (Kramersch, 1993, p. 23, tradução nossa).

² Segundo Alsina (1999, p. 5, citado por Brasil, 2019, p. 10), “a comunicação intercultural é a comunicação entre pessoas que, tendo referências culturais díspares, se autopercebem de culturas e/ou de grupos diferentes”.

diferentes “*languaculture*”³, surgem várias diferenças culturais, e que é necessário trazê-las à tona e tentar superá-las. Assim, ele apresenta três fases⁴ no caminho para a compreensão cultural: o erro, a consciência e o reparo.

Motivada pelo profundo impacto que a compreensão cultural pode ter na forma como interagimos e transmitimos conhecimentos, e considerando meu envolvimento no curso de Letras em Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), decidi investigar neste trabalho de conclusão de curso como os aspectos culturais influenciam a comunicação em língua inglesa, buscando explorar como a cultura molda a prática linguística e a interação intercultural.

Tal escolha se deu pela crescente necessidade de compreender os desafios e oportunidades da comunicação intercultural em um mundo globalizado. A língua, enquanto ferramenta fundamental para a construção de identidades e o estabelecimento de relações sociais, é profundamente influenciada por fatores culturais. Dessa maneira, destaco que a minha experiência no PIBID⁵ reforçou a importância de considerar essa dimensão. Nesse sentido, os aspectos culturais no uso da língua podem facilitar a comunicação em vários aspectos, além de criar uma competência de empatia com o outro. Para mim, a comunicação é inerentemente cultural; nossa língua não é apenas um meio de expressão, mas uma extensão da nossa identidade e da nossa cultura. Dessa forma, compreender os aspectos culturais nos oferece uma visão mais profunda do mundo e das pessoas que nele vivem. Todo esse envolvimento e experiência despertaram em mim o interesse maior em estudar a promoção do diálogo intercultural.

Considerando a relevância dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa, que afetam como os falantes utilizam a língua, interpretam mensagens e constroem laços, percebi a necessidade de compreender profundamente esse processo. Entender como as nuances culturais influenciam a comunicação é fundamental para torná-la mais eficaz e empática,

³ “*Languaculture* é um fato social. Ele estabelece limites sobre o que você pode dizer e cria expectativas de como você deve falar. A nova *languaculture* é algo que você inventa, algo que você ganha em uma luta com a antiga, algo que derruba as velhas paredes de fatos sociais e deixa entrar novos discursos” (Agar, 1994, p. 209, tradução nossa).

⁴ Agar (1994) propõe que os erros ou mal-entendidos ocorrem quando as diferenças culturais não são compreendidas ou reconhecidas. Mas que esses erros são inevitáveis, principalmente para fornecer informações cruciais sobre as lacunas na compreensão intercultural. Em seguida, explicita a tomada de consciência das diferenças culturais identificadas através dos erros. Onde os interlocutores se tornam mais conscientes das questões culturais que influenciam a comunicação e começam a refletir sobre essas diferenças. Por fim, sinaliza a fase reparo como sendo onde os interlocutores tentam corrigir os mal-entendidos e ajustar sua comunicação para superar as diferenças culturais.

⁵ PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. É uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos estudantes de cursos de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica.

destacando a necessidade de explorar como a cultura molda tanto a linguagem, língua, quanto a interação social.

A diversidade cultural na comunicação em língua inglesa é um campo vasto e complexo. Estudos evidenciam que a compreensão intercultural é essencial para a eficácia na comunicação. Segundo uma pesquisa feita pela Britannia English School (2023), foi revelado que 70% dos profissionais de negócios acreditam que a competência intercultural (CI) melhora significativamente as negociações internacionais. Além disso, 65% dos estudantes de inglês como segunda língua relataram que a inclusão de aspectos culturais em suas aulas aumentou sua compreensão e retenção do idioma (Conexão Escola Sme, 2023). Refletir acerca da diversidade cultural na comunicação em língua inglesa é uma necessidade, como apontado por pesquisas. Portanto, integrar os aspectos culturais na comunicação da língua inglesa não só promove uma comunicação mais eficaz, mas também fortalece a compreensão mútua entre diferentes comunidades.

A interação entre distintas comunidades é mediada através da comunicação, na qual as características sociais, linguísticas e culturais são transmitidas pelos falantes durante seu contato. Crystal (2003) defende que a presença de uma língua comum é essencial para a comunicação entre diferentes grupos sociais.

Nesse cenário, o inglês manifesta-se como uma língua crucial, amplamente reconhecida nos campos sociais, políticos, tecnológicos e econômicos. A língua inglesa possui, segundo dados da Ethnologue (2023), aproximadamente 1.456 milhões de falantes, evidenciando seu poder e alcance global. Originado da fusão de diversos dialetos, incluindo celtas, anglo-saxões, francos e latim, o inglês tornou-se fundamental no mundo, sendo a língua predominante em produções literárias, cinematográficas, televisivas, musicais e teatrais, graças a seu domínio econômico, tecnológico, linguístico e cultural. Crystal (2003) ainda argumenta que a língua inglesa se tornou global não devido ao número de falantes, mas sim pelo poder econômico, tecnológico e cultural dos países anglo-saxões.

A comunicação em língua inglesa, amplamente reconhecida como uma língua de comunicação internacional⁶, vai além da simples troca de palavras e abrange a transmissão de valores, crenças e identidades culturais. O inglês, como veículo de comunicação entre indivíduos de diferentes origens culturais, desempenha um papel crucial na mediação das interações sociais e nas relações interpessoais, refletindo a diversidade e a complexidade das

⁶ Sharifian (2009, citado por Viegas, 2018, p.2) enfatiza que ILI não apenas é uma língua para comunicação internacional, mas também para a comunicação intercultural; assim, nenhuma das variedades deve ser escolhida como a língua franca entre os povos.

culturas envolvidas. Contudo, a diversidade cultural também impõe desafios, especialmente quando os aspectos culturais não são adequadamente compreendidos ou respeitados. Portanto, a questão central que se coloca é: como os aspectos culturais influenciam a comunicação em língua inglesa?

Diante da importância dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa, surgem várias questões que serviram de base para o desenvolvimento da pesquisa, a saber:

- Como o uso do inglês como segunda língua impacta na interação entre falantes de diferentes culturas, especialmente quando indivíduos em contexto de uma terceira cultura emergem no processo comunicativo?
- De que maneira a globalização impacta a interação entre falantes de diferentes culturas?
- Como a competência intercultural pode ser desenvolvida e aprimorada na comunicação entre pessoas de diferentes culturas?
- Como a identidade cultural dos falantes influencia o uso de palavras e expressões em inglês e suas interações?
- De que forma as variações linguísticas regionais do inglês influenciam a percepção e a interação entre falantes de diferentes origens culturais?
- Quais expressões culturais estão presentes na obra “*My Big Fat Greek Wedding*” entre os personagens?
- De que maneira a mídia em língua inglesa representa e reforça estereótipos culturais?

Considerando a abrangência do tema, essas questões me ajudaram a delimitar o objeto de estudo e a estabelecer o objetivo principal desta pesquisa: analisar a relevância dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa como segunda língua. Desse objetivo geral, outros mais específicos foram definidos, a saber: i) compreender a manifestação da identidade cultural na comunicação de falantes de inglês como segunda língua, a partir de suas escolhas linguísticas e comportamentos comunicativos; ii) investigar como a identidade cultural de falantes de inglês como segunda língua afeta a interação e a superação de desafios comunicativos com falantes nativos de inglês; iii) identificar expressões culturais verbais e não verbais presentes no filme “*My Big Fat Greek Wedding*”⁷.

Com o objetivo de construir um conhecimento sólido sobre a temática, baseei-me, teoricamente, em autores como Agar (1994); Bhabha (1990, 1994); Baker (2011, 2024);

⁷ *My Big Fat Greek Wedding* (2002) é uma comédia romântica que retrata a colisão entre duas culturas distintas: a grega, representada pela família Portokalos, e a americana, representada por Ian Miller.

Bakhtin (1979); Byram (1997); Bourdieu (1977); Crystal (2003, 2006); Dyer (1999); Hall (1997, 2006, 2014, 2017); Jenkins (2000); Kachru (1985); Kramsch (1993); Labov (1966, 1972); Lippmann (1956); Risager (2006); Said (1978); Scollon, Scollon e Jones (2012); Smith e Christopher (2001); Silva (2017); Woodward (2017).

Nesse sentido, atentando para a motivação da pesquisa, embasei-me nas teorias de Agar (1994); Bakhtin (1979); Hall (1997); Kramsch (1993), que abordam a relação entre linguagem, língua, identidade e contexto social e cultural.

Na contribuição de informações acerca do inglês como segunda língua (ISL), analisando sua natureza flexível e diversificada, tomei como base Bourdieu (1977); Byram (1997); Crystal (2003, 2006); Jenkins (2000); Kachru (1985, 2006); Kramsch (1993); Labov (1966, 1972); Rajagopalan (2004).

No que concerne ao ramo da identidade, cultura, comunicação intercultural e falante intercultural, fundamentei-me em Baker (2011, 2024); Bhabha (1990, 1994); Bourdieu (1984); Byram (1997); Dyer (1999); Hall (1997, 2006, 2014, 2017); Lippmann (1956); Risager (2006); Said (1978); Scollon, Scollon e Jones (2012); Smith e Christopher (2001); Silva (2017); Woodward (2017). Que oferecem uma perspectiva sobre a cultura e a identidade, destacando a importância da interculturalidade e da construção social da identidade.

Os dados coletados na pesquisa, ancorados em uma abordagem qualitativa e delineados como um estudo de caso, utilizaram a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Tendo a obra *My Big Fat Greek Wedding* como unidade de análise, essas escolhas, em conjunto com a fundamentação teórica, nortearam todo o desenvolvimento deste trabalho, tecendo a hipótese defendida em sua escrita de que os aspectos culturais são essenciais para a comunicação eficaz em língua inglesa. Isso ocorre por influenciarem a interpretação de significados, a adequação da linguagem e o estabelecimento de relações interpessoais, partindo do pressuposto de que as nuances culturais, incluindo normas sociais, valores, crenças e elementos não verbais, desempenham um papel fundamental na interpretação das mensagens. Para tanto, a pesquisa está organizada em sete capítulos.

O primeiro capítulo, nomeado Introdução, descreve o tema e os objetivos da pesquisa, bem como o problema e as perguntas norteadoras, apresentando a base teórica e a metodologia adotada. Já o segundo capítulo, intitulado Entre Línguas: a língua como ferramenta de comunicação e conexão social, faz uma descrição da temática central da pesquisa, explorando a complexidade das interações em inglês. Além de se concentrar em compreender como o uso do inglês como segunda língua influencia as práticas comunicativas e quais são os desafios e as oportunidades que surgem nesse cenário.

No terceiro capítulo, *Entre Culturas: o entrelaçamento entre identidade e comunicação*, discorre-se sobre a cultura e o papel da identidade cultural. Buscando compreender como a identidade cultural influencia o uso de palavras, expressões e estilos comunicativos, e como essas diferenças podem afetar a eficácia da comunicação intercultural.

Na sequência, no quarto capítulo, *Entre Línguas e Culturas: o papel do inglês e a construção de identidades culturais na mídia*, discute-se o impacto do uso do inglês como segunda língua na interação entre falantes de diferentes culturas, com foco nas representações culturais mediadas pela mídia.

O quinto capítulo detalha a metodologia utilizada, justificando o estudo de caso e as etapas da Análise de Conteúdo. Em seguida, apresenta-se o sexto capítulo, *Análise e Discussão dos Dados*, onde realiza-se uma análise de conteúdo das representações culturais midiáticas em língua inglesa, com foco no filme “*My Big Fat Greek Wedding*”. Investigando como o filme retrata expressões culturais e como essas representações podem ser vistas pelo público.

Por fim, o sétimo capítulo apresenta as *Considerações Finais*, reunindo os principais resultados e discutindo suas implicações para o campo de estudo.

Dedicaremos a próxima seção à explanação das bases teóricas da pesquisa.

2 ENTRE LÍNGUAS: A LÍNGUA COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO E CONEXÃO SOCIAL

A comunicação é, desde os primórdios da humanidade, uma condição indispensável para a sobrevivência e o progresso das sociedades. A busca constante por meios de expressar ideias, sentimentos e necessidades resultou em diversas formas de manifestação, desde gestos e sons até representações visuais, como as pinturas rupestres. Esses primeiros recursos comunicativos demonstram os esforços dos povos antigos em estabelecer relações de entendimento mútuo. Com o passar do tempo, essas formas rudimentares evoluíram, culminando no desenvolvimento da língua, que se consolidou como um instrumento fundamental para a troca de informações, o compartilhamento de conhecimentos, a construção de relações sociais e a organização de sociedades mais complexas e estruturadas.

Neste capítulo, proponho-me a explorar a definição da língua e, em especial, focar na importância da língua inglesa. Seguindo a perspectiva de Bakhtin (1979), que ressalta a língua como um fenômeno social moldado pelas interações humanas, analiso como o inglês, enquanto língua global, reflete as complexidades e dinâmicas das interações contemporâneas. Como sua ampla utilização como segunda língua em contextos socioculturais diversos, realça tanto seu potencial como ferramenta de comunicação quanto os desafios e oportunidades associados a essa condição.

Assim, algumas questões guiam a reflexão: de que maneira a globalização impacta a interação entre falantes de diferentes culturas? E de que forma as variações linguísticas regionais do inglês influenciam a percepção e a interação entre falantes de diferentes origens culturais? Essas perguntas, respondidas ao longo deste capítulo, conduzem à análise do papel da língua inglesa como mediadora de interações interculturais, destacando seus impactos nas práticas comunicativas globais. Ao reconhecer a língua como um fenômeno dinâmico e contextualizado, busca-se compreender como suas manifestações refletem as necessidades e desafios de um mundo cada vez mais interconectado.

Segundo Bakhtin (1979), a língua, enquanto fenômeno social, está intrinsecamente ligada à necessidade humana de comunicação. Sua manifestação ocorre em todas as esferas da vida social, moldada e transformada pelas interações entre os indivíduos. Essa perspectiva destaca a língua como um instrumento dinâmico, criado e recriado pela sociedade para atender às demandas comunicativas de seus membros. Ao permear diferentes contextos sociais, culturais, históricos e ideológicos, a língua reflete a complexidade da experiência humana,

desde as interações cotidianas até as formas mais elaboradas de expressão, como a literatura e a política.

A despeito de sua importância como sistema linguístico, a língua não se limita a uma estrutura abstrata e estática. Pelo contrário, ela se revela como um fenômeno dinâmico e contextualizado, moldado pelas interações verbais concretas entre os indivíduos. De acordo com Bakhtin (1979), a essência da língua reside na enunciação, ou seja, nos atos de fala que ocorrem em contextos específicos. Essa concepção dialógica da língua enfatiza a multiplicidade de vozes e a construção de significados em constante negociação. Cada enunciação dialoga com enunciados anteriores e futuros, refletindo as necessidades comunicativas e os diversos contextos sociais nos quais a língua é utilizada. Assim, a mesma torna-se realidade por meio da enunciação, que a conecta às necessidades de comunicação humana.

As condições sociais de uma época exercem uma influência determinante sobre as formas e os métodos de comunicação verbal, moldando a língua de forma dinâmica e contínua. Os aspectos históricos e culturais demonstram que a língua é um produto, um espelho, das interações humanas ao longo do tempo, refletindo as transformações sociais e as necessidades comunicativas de cada época.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. [...] Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (Bakhtin, 1979, p. 280).

Os gêneros discursivos revelam a estreita relação entre a língua e a vida social. Esses gêneros refletem a diversidade das atividades humanas, resultando em uma grande variedade de formas discursivas. Ao se manifestarem em diferentes esferas, os gêneros discursivos moldam e são moldados pelas práticas sociais. A variedade de gêneros discursivos demonstra a heterogeneidade da experiência humana e a capacidade da língua de se adaptar a diferentes contextos. Dessa forma, a língua, ao ser utilizada em situações concretas de interação, se torna um reflexo das condições sociais, históricas e culturais de uma determinada época. Por exemplo, o discurso em um contexto científico difere de uma conversa informal, mas ambos são materializações do diálogo humano, evidenciando a riqueza e a heterogeneidade da comunicação verbal.

A fala, como prática cotidiana de comunicação, reflete e é adaptada às relações sociais e aos conflitos presentes na sociedade. Nesse sentido, a palavra não é um simples reflexo da

individualidade, mas um instrumento de interação social, que está imerso em um contexto ideológico e político. A comunicação verbal não pode ser entendida isoladamente das demais formas de comunicação, por estar sempre inserida em relações de poder, dominação e resistência. A classe dominante, por exemplo, utiliza a língua para reforçar e perpetuar seu poder, enquanto as classes subordinadas podem se adaptar ou resistir a essa hierarquia. Conforme Bakhtin (1979), todo signo é ideológico, ou seja, carrega em si as marcas das relações de poder e das estruturas sociais que o produzem. A língua, como um sistema semiótico⁸, possibilita expressar e reproduzir essas ideologias, registrando as variações das relações sociais. Não apenas as ideologias constituídas, mas também a “ideologia do cotidiano”, que se manifesta nas interações diárias, alimenta e transforma o pensamento coletivo.

2.1 Entre línguas: A globalização e a disseminação do inglês

Tendo compreendido a língua como um fenômeno social dinâmico e intrinsecamente ligado às interações humanas, podemos agora analisar como esses princípios se manifestam em um contexto globalizado.

É dentro desse cenário de construção conceitual da língua e suas relações de poder que a Língua Inglesa se consolida como a principal língua global, exercendo domínio sobre diversas esferas da comunicação internacional. Segundo Crystal (2003), isso se deve não apenas ao número de falantes, mas à influência econômica e cultural dos países anglófonos⁹, que impulsionaram sua disseminação em âmbitos político, econômico, tecnológico e cultural. O inglês assume hoje um papel semelhante ao do latim na antiguidade, quando o Império Romano, com sua vasta extensão territorial e influência cultural, política e religiosa, tornou o latim a língua global de seu domínio. Embora o latim tenha evoluído para as línguas românicas e sua influência seja observada em diversas terminologias técnicas, a língua inglesa, como herdeira desse legado, demonstra a capacidade de uma língua em transcender fronteiras geográficas e culturais, moldando a comunicação global.

A história da língua inglesa é marcada pela expansão do poder britânico e, posteriormente, norte-americano. Para ser considerada uma língua global, a língua deve desempenhar um papel proeminente em diversas esferas da atividade humana, transcendendo fronteiras nacionais (Crystal, 2003; 2006). A colonização britânica, aliada ao desenvolvimento

⁸ Consoante com Significados (2011 – 2024), “é o estudo dos signos, que consistem em todos os elementos que representam algum significado e sentido para o ser humano, abrangendo as linguagens verbais e não-verbais.”

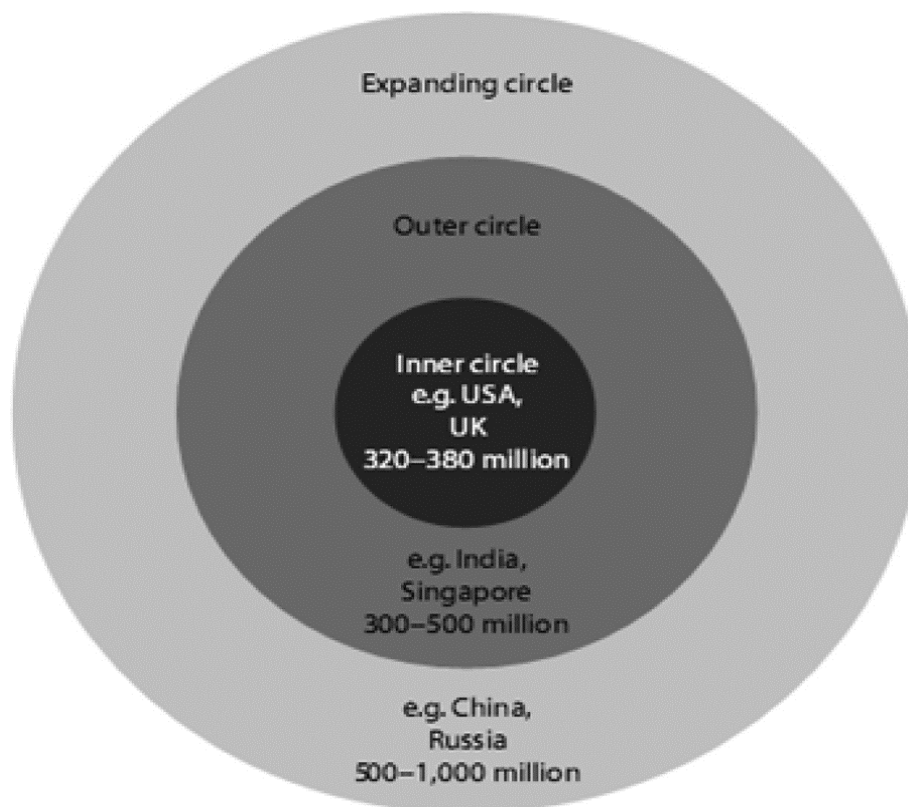
⁹ Conforme o Dicionário Priberam (2024), anglófono é “que ou quem fala inglês”.

do comércio marítimo e à influência cultural, impulsionados e impostos nas vastas áreas colonizadas nas Américas, África, Ásia e Oceania, contribuiu significativamente para a disseminação do inglês em diversas regiões do globo. Ao impulsionar o desenvolvimento científico e tecnológico, por meio da Revolução Industrial, criou-se um ambiente propício à consolidação do inglês em setores como ciência, tecnologia e comércio.

Por outro lado, a posterior ascensão dos Estados Unidos da América (EUA) como potência mundial no século XX intensificou esse processo, tornando o inglês a língua dominante em diversas esferas da vida global. A vitória dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial enfatizou sua hegemonia global, impulsionando a internacionalização do dólar e do inglês. Outro ponto de incitamento foi o vasto alcance dos EUA como potência econômica e cultural, marcada pela liderança nas indústrias de entretenimento e tecnologia, contribuindo significativamente para a disseminação do inglês, consolidando assim a sua posição como língua global da diplomacia e dos negócios.

A fim de compreender a complexidade da disseminação global do inglês, Kachru (1985) propôs um modelo composto por três círculos concêntricos (*inner circle*, *outer circle* e *expanding circle*), que categoriza os falantes de inglês com base em sua relação histórica e proficiência na língua. O círculo interno (*inner circle*) engloba países onde o inglês é a língua nativa, como os Estados Unidos e o Reino Unido. Já o círculo externo (*outer circle*), por sua vez, compreende nações nas quais o inglês é utilizado como uma segunda língua, a exemplo da Índia e da Nigéria. Por fim, o círculo em expansão (*expanding circle*) abrange regiões onde o idioma é ensinado como língua estrangeira ou utilizado como língua franca, como o Brasil e o Japão.

Figura 1 - Três círculos concêntricos de Kachru (1985)



Fonte: Crystal (2003, p. 61)

Essa categorização proposta por Kachru é fundamental para analisar as complexas dinâmicas de poder e as diversas influências do inglês em diferentes contextos nacionais. Nos países de língua inglesa nativa, o domínio da língua é evidente, servindo como referência para os demais círculos. Em países como a Índia e a Nigéria, onde o inglês foi imposto durante o período colonial, a língua inglesa desempenha um papel central na administração pública, no ensino superior e nos meios de comunicação, coexistindo com uma diversidade de línguas locais. Nos países do círculo em expansão, como o Brasil, o inglês, embora não seja oficial, ocupa um lugar central nas políticas educacionais. A demanda por essa língua é elevada, tanto no ensino básico quanto na educação continuada, refletindo sua importância como ferramenta de mobilidade social e acesso a oportunidades globais.

A classificação em círculos concêntricos, embora útil em seu tempo, mostra-se insuficiente para dar conta da dinâmica dos fluxos migratórios atuais. A crescente interconexão global e a diversificação dos motivos para migrar têm reconfigurado as fronteiras e os padrões de deslocamento populacional. Como observa Crystal (2006, p. 425, tradução nossa),

O eixo da língua inglesa está se deslocando de forma significativa. Se na década de 1960 a maioria dos falantes era nativa, hoje a realidade é outra: há um número substancialmente maior de pessoas que utilizam o inglês como segunda língua ou

como língua estrangeira. Ao agrupar esses dois grupos, constatamos que a proporção entre falantes nativos e não nativos é de aproximadamente 1 para 3.

O eixo da língua inglesa experimentou um notável deslocamento nas últimas décadas. Com a globalização da língua e a crescente influência da cultura, foi possível notar uma elevação no número de falantes não nativos a um ponto em que superaram significativamente os nativos, numa proporção estimada em 3 para cada nativo. O inglês, antes dominado por falantes nativos, agora apresenta uma demografia invertida: o número de indivíduos que o utilizam como segunda língua, língua estrangeira ou língua franca é três vezes maior do que o de falantes nativos. A globalização do inglês, embora tenha promovido a comunicação entre diferentes culturas, também trouxe à tona a diversidade linguística e cultural presente no uso dessa língua. A próxima seção se aprofundará nas variedades linguísticas do inglês, analisando seus impactos na identidade cultural e nas interações sociais.

2.2 Entre línguas: Variedades, desafios e impactos

A globalização intensificou a interconexão mundial, transformando o inglês em um poderoso instrumento de poder e dominação, moldando as relações entre culturas distintas. Os avanços tecnológicos e a crescente mobilidade de pessoas e ideias aceleraram o contato entre diferentes povos, promovendo uma intensa troca de conhecimentos e práticas. Esse intercâmbio cultural configurou-se, ao mesmo tempo, como uma oportunidade para a troca de valores e como um espaço de possíveis conflitos de perspectivas.

Nessa circunstância, o uso do inglês como segunda língua consolidou-se como uma prática comum em um mundo globalizado, gerando tanto oportunidades quanto desafios nos âmbitos educacional e intercultural. Segundo Crystal (2003), o inglês emergiu como a língua internacional dos negócios, ciência, tecnologia e diplomacia, oferecendo aos falantes acesso a um vasto repertório de conhecimentos e recursos. Além disso, o domínio do inglês facilitou a comunicação entre indivíduos de diferentes países e culturas, conferindo vantagens significativas no mercado de trabalho e ampliando as possibilidades profissionais e acadêmicas.

No entanto, falantes não nativos enfrentam diversos desafios. Conforme Bourdieu (1977), a língua não é apenas um meio de comunicação, mas um campo de poder, no qual o domínio de idiomas como o inglês pode gerar desigualdades sociais. Apesar de ser a língua oficial de muitas instituições globais, falantes de inglês com sotaques regionais ou dialetos específicos frequentemente enfrentam estigmatização e preconceitos que afetam sua credibilidade e a receptividade de suas mensagens. Por exemplo, um sotaque considerado não

“padrão”, como o inglês com forte sotaque do sul dos Estados Unidos, pode influenciar a percepção de competência do falante, prejudicando suas interações interculturais e oportunidades profissionais.

A ascensão do inglês como língua global revela tanto a integração entre culturas quanto a complexidade inerente à diversidade linguística. Embora facilite a comunicação mundial, a existência de múltiplas variedades regionais do inglês também impõe desafios à compreensão mútua. Diferenças de pronúncia, vocabulário e gramática refletem processos históricos e sociais que moldaram a língua em diferentes regiões, contribuindo para a construção de identidades nacionais e locais. Palavras e expressões comuns em um dialeto podem ser desconhecidas ou ter significados distintos em outro, gerando mal-entendidos.

Em contraponto à noção clássica de uma língua inglesa monolítica¹⁰, o paradigma dos “*World Englishes*” emerge enfatizando a heterogeneidade linguística e o papel ativo dos falantes na (re)configuração da língua. Nesse contexto, o inglês é compreendido como um fenômeno linguístico dinâmico e pluricêntrico, adaptando-se a diferentes realidades e desempenhando um papel central como língua de contato em um mundo globalizado. Sendo assim, constituída por uma língua falada em “balcões de check in, corredores e salas de embarque dos aeroportos mais movimentados do mundo durante encontros de negócios multinacionais, jogos olímpicos ou copas do mundo, feiras internacionais de comércio e conferências acadêmicas” (Rajagopalan, 2004, p. 112). Essa visão destaca o papel do inglês como um meio de comunicação global, adaptado às necessidades práticas de contextos multiculturais e multinacionais. Trata-se de uma língua funcional, moldada pelas demandas de conectividade e cooperação em um mundo globalizado. Assim, o inglês deixa de ser associado exclusivamente aos países nativos, como Estados Unidos ou Reino Unido, e assume a forma de um recurso compartilhado por falantes de diferentes origens linguísticas e culturais.

Ainda assim, a variação linguística está profundamente ligada às relações de poder. Segundo Labov (1972), a forma como uma pessoa fala pode influenciar sua posição social e suas oportunidades, já que a língua frequentemente funciona como marcador de status e instrumento de exclusão. Em algumas culturas, sotaques considerados “prestigiados”, como o britânico, são associados a qualidades como educação e confiabilidade, enquanto sotaques regionais ou estrangeiros, como o indiano ou o africano, podem sofrer preconceitos. Esse

¹⁰ Segundo o Dicionário Michaelis (2024), “Que forma um todo contínuo, homogêneo e impenetrável”.

fenômeno, conhecido como “preconceito linguístico”¹¹, cria barreiras à integração e à igualdade de oportunidades.

A teoria da “*linguistic insecurity*”, proposta por Labov (1966), reforça que falantes não nativos podem experimentar insegurança ao falar inglês, especialmente quando sua pronúncia ou escolha de palavras diverge do padrão nativo. Essa insegurança pode limitar sua participação em conversas e oportunidades, perpetuando um ciclo de exclusão. No entanto, a crescente valorização da diversidade linguística tem ajudado a mitigar essa percepção, com sotaques estrangeiros sendo cada vez mais reconhecidos como sinais de experiência intercultural. Segundo Jenkins (2000), o inglês como língua global deve acolher suas variações, valorizando a competência dos falantes independentemente de seus sotaques ou dialetos.

As variações linguísticas, além de refletirem identidades culturais, também as moldam. Essas variações influenciam diretamente as interações interculturais, uma vez que a comunicação é um processo que envolve não apenas palavras, mas também os contextos culturais dos interlocutores (Hall, 1990). Nesse sentido, o conceito de “competência intercultural” se faz essencial na sociedade atual. Conforme Byram (1997), além da competência linguística, a habilidade de reconhecer e respeitar diferenças culturais é fundamental para superar barreiras linguísticas e facilitar a comunicação mútua. Para falantes não nativos em ambientes internacionais, a capacidade de negociar significados e adaptar-se culturalmente torna-se crucial para o sucesso da interação e da cooperação global.

Em um mundo crescentemente globalizado, e especificamente no contexto de uso global e diverso do inglês como segunda língua, o conceito de Consciência Intercultural (ICA), proposto por Baker (2011; 2024), apresenta-se como uma evolução necessária da competência intercultural. O ICA é definido como “uma compreensão consciente do papel que formas, práticas e quadros de referência de base cultural podem ter na comunicação intercultural, e uma capacidade de colocar essas concepções em prática de maneira flexível e específica ao contexto em comunicação” (Baker, 2022, p. 42, citado por Baker, 2024). Essa consciência estende o conceito de competência ao focar na natureza dinâmica e não essencialista das culturas, reconhecendo que, no uso global da língua, as referências culturais e as práticas comunicativas “não estão necessariamente ligadas a qualquer comunidade única” (Baker, 2024). Assim, a consciência intercultural serve como um chamado à adaptação, ao reconhecimento da flexibilidade do uso do inglês e ao respeito pela multiplicidade de identidades no contexto da

¹¹ De acordo com Bagno (2007), “é a atitude que um indivíduo ou um grupo social assume diante de algum modo de falar que é diferente do seu. Pode ser uma variedade linguística social (usada por determinada classe social) ou regional, mas também pode ser uma outra língua, no caso de sociedades plurilíngues”.

comunicação internacional, pavimentando o caminho para interações mais justas e mutuamente compreensíveis.

3 ENTRE CULTURAS: O ENTRELAÇAMENTO ENTRE IDENTIDADE E COMUNICAÇÃO

Com base nos pressupostos dos Estudos Culturais, este capítulo propõe investigar a relação entre identidade cultural e língua na comunicação intercultural. A análise se concentrará em como as identidades culturais dos indivíduos moldam suas práticas discursivas e como essas práticas, por sua vez, influenciam as dinâmicas sociais e políticas das interações interculturais.

A fim de contextualizar a temática, este capítulo se inicia com a definição de cultura, e em seguida, a discussão se aprofundará na busca por respostas às seguintes questões: como o uso do inglês como segunda língua impacta na interação entre falantes de diferentes culturas, especialmente quando indivíduos em contexto de uma terceira cultura emergem no processo comunicativo? Como a competência intercultural pode ser desenvolvida e aprimorada na comunicação entre pessoas de diferentes culturas? E como a identidade cultural dos falantes influencia o uso de palavras e expressões em inglês e suas interações?

A definição de cultura tem sido um ponto central em discussões acadêmicas, especialmente no âmbito das ciências sociais e humanas. De acordo com Hall (1997, p. 16),

[...] a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros.

A compreensão e significação das ações humanas são mediadas por sistemas simbólicos, como os linguísticos e culturais. Esses sistemas fornecem os códigos e as ferramentas interpretativas que permitem aos indivíduos atribuir sentido às ações alheias e próprias, estabelecendo, assim, as bases para a interação social. Através desses sistemas, são construídas normas, regras e expectativas que orientam o comportamento e a convivência em sociedade.

A compreensão das ações humanas exige que se considere o contexto cultural e simbólico no qual elas estão imersas. A atribuição de significado às ações é um processo socialmente construído, mediado por sistemas de representação compartilhados por grupos sociais. Esses sistemas variam culturalmente, o que demonstra que o significado não é uma propriedade intrínseca das ações, mas sim um produto das interações sociais e das interpretações que os indivíduos e os grupos atribuem a elas.

Segundo Hall (1997), a cultura opera como um sistema simbólico dinâmico, no qual significados são continuamente construídos, negociados e transformados por meio de discursos.

Esses discursos, ao circularem socialmente, não apenas moldam as representações do mundo, mas também produzem subjetividades, ou seja, modos de ser e de pensar que se identificam com determinadas narrativas e regimes de verdade. Para tal, ele enfatiza a centralidade da cultura em sua dimensão epistemológica, alinhada ao que ele denomina “virada cultural”. Essa abordagem ressalta a capacidade transformadora dos discursos no circuito cultural, mostrando como eles reconfiguram teorias, explicações e práticas sociais.

Nesse contexto, a linguagem emerge como um sistema simbólico fundamental na construção e compartilhamento de significados, moldando as percepções e as interações sociais. Dessa maneira, “não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural” (Hall, 1997, p. 20).

Quando Hall (1997) afirma que “as lutas pelo poder deixam de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas”, ele está destacando uma mudança no modo como o poder é exercido e contestado nas sociedades contemporâneas. Tradicionalmente, as disputas por poder se davam de maneira física e coercitiva, por meio de confrontos diretos, violência ou dominação explícita. No entanto, com o tempo, essas formas de poder foram progressivamente substituídas por formas mais sutis e simbólicas, onde a luta pelo poder ocorre no campo das ideias, dos significados e das representações culturais.

Ao dizer que o poder “assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural”, Hall (1997) sugere que, na sociedade moderna, o poder não se manifesta mais apenas por meio de força bruta ou controle direto. Ele se expressa também nas práticas culturais, nos discursos e nas normas sociais que moldam como as pessoas pensam, se comportam e se identificam. A cultura, nesse sentido, torna-se um campo de disputa onde diferentes grupos lutam para definir o que é considerado “verdadeiro”, “normal” ou “legítimo”. A política cultural, portanto, refere-se às estratégias através das quais essas disputas pelo significado e pelo controle simbólico acontecem, influenciando a estrutura social e as relações de poder de forma mais indireta, mas igualmente poderosa. A atribuição de sentido ocorre tanto por meio da interpretação que trazemos aos objetos, eventos e pessoas, quanto pelas formas como integramos esses significados em nossas práticas cotidianas.

A cultura, portanto, é vista como um espaço dinâmico e essencial para a disputa de significados, que cada vez mais assume uma dimensão simbólica e discursiva. “As lutas pelo poder têm se deslocado de formas físicas para estratégias simbólicas, onde a política cultural

emerge como um elemento central das sociedades contemporâneas” (Hall, 1997, p. 20). A importância inédita da cultura na organização social moderna tardia reflete sua capacidade de moldar as estruturas sociais e de influenciar mudanças históricas de maneira imprevisível. Assim, a cultura não é apenas um reflexo de práticas sociais, mas um dos elementos constitutivos mais significativos da análise e transformação social.

3.1 Entre Culturas: A dinâmica da identidade

Ao longo da história, a humanidade tem buscado definir “Quem somos?” essa pergunta, aparentemente simples, revela a complexidade da identidade humana. Mais do que uma mera etiqueta, as identidades são uma construção dinâmica e multifacetada que “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas de símbolos pelos quais elas são representadas” (Woodward, 2017, p. 8). Ela serve como uma ferramenta para classificar o mundo e as relações humanas, refletindo e moldando as interações sociais. Contudo, entender a identidade requer explorar questões fundamentais: como ela é construída, o que a distingue, quem é incluído ou excluído, e para quem essa identidade está disponível.

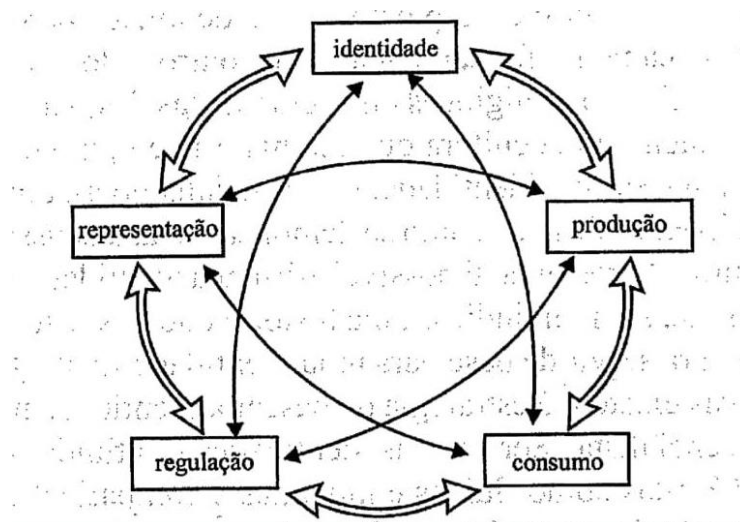
A construção da identidade está intrinsecamente ligada à diferença. De acordo com Woodward (2017, p. 9), “a identidade é, assim, marcada pela diferença”. Uma identidade só pode existir em relação a outra, por ser a comparação com “o outro” que fornece os parâmetros para sua definição. Em outras palavras, a identidade se distingue pelo que ela não é, e a diferença torna-se o marcador central nesse processo. Contudo, essa ênfase na diferença também cria tensões. Por um lado, reforça fronteiras claras entre grupos, negando semelhanças; e, por outro lado, as experiências compartilhadas no cotidiano podem evidenciar semelhanças que desafiam essas fronteiras rígidas, gerando um paradoxo entre separação e familiaridade.

Além das diferenças sociais e culturais, a identidade é marcada por símbolos. Estes associam significados às coisas que usamos, realizamos ou valorizamos, tornando a identidade não apenas uma construção social, mas também simbólica. Por exemplo, roupas, hábitos e tradições podem funcionar como indicadores visíveis de pertencimento ou exclusão. Essa simbologia reforça a identidade coletiva de um grupo e, ao mesmo tempo, pode ser usada como um instrumento de luta para afirmar direitos e reconhecimento, gerando consequências concretas. A identidade nacional é um exemplo claro de como as diferenças são hierarquizadas. De acordo com Woodward (2017), ela frequentemente se apoia em categorias como gênero, raça ou etnia, onde algumas diferenças se tornam mais relevantes que outras. Em sociedades patriarcais, por exemplo, a identidade de gênero assume centralidade, com papéis

tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres moldando a dinâmica social. A afirmação dessas identidades é historicamente contextual, refletindo os valores e as disputas de poder de uma época específica.

No debate teórico, a identidade pode ser abordada de duas maneiras principais: essencialista, que ao enfatizar a estabilidade, oferece um senso de pertencimento, mas corre o risco de negar a complexidade e a fluidez das experiências humanas; e não-essencialista, que por sua vez, reconhece a importância da mudança e da transformação, mas enfrenta o desafio de fornecer uma base sólida para a ação política e a construção de comunidades. E é aí que entra o conceito de “circuito da cultura”.

Figura 2 - O circuito da cultura



Fonte: Paul de Gay *et al.* (1997)

Nesse modelo, a identidade é concebida como uma performance contínua, moldada e moldando os outros elementos do circuito. A representação, nesse sentido, é central, pois os discursos e imagens que circulam na sociedade não apenas refletem as identidades, mas também as constroem ativamente, convidando os indivíduos a desempenhar determinados papéis sociais. Segundo Woodward (2017, p. 18):

A representação, compreendida como um processo cultural [...] fornece possíveis respostas as questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

A publicidade, por exemplo, ao promover estereótipos de beleza e sucesso, incita as pessoas a adotar determinadas práticas e comportamentos, moldando assim suas identidades. “A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser

fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (Mercer, 1990, p. 4, citado por Woodward, 2017, p. 20).

A modernidade tardia, marcada pela globalização, intensifica a crise de identidade, fragmentando identidades tradicionais e dando origem a novas formas híbridas. A migração, nesse contexto, desempenha um papel importante, impulsionando a desterritorialização e a reconfiguração de identidades, como evidenciado pelo conceito de diáspora¹². A interação entre o global e o local desafia as fronteiras identitárias, criando um mosaico de identidades complexas e em constante transformação.

Na sociedade contemporânea, a construção da identidade, outrora ancorada em estruturas sociais rígidas, hoje se revela um mosaico dinâmico, influenciado por transformações profundas e contínuas. A interseccionalidade de etnia, gênero, sexualidade e outras identidades, embora enriqueça o debate social, tensiona a convivência em um mundo cada vez mais plural. A pressão para se conformar a expectativas sociais muitas vezes contraditórias, aliada à persistência de desigualdades e preconceitos, dificulta a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva. A busca por autenticidade e o desejo de pertencimento coexistem com a necessidade de se adaptar a um mundo em constante mudança, gerando um conflito interno que se manifesta de diversas formas.

A identidade, conforme Silva (2017, p. 74), é geralmente entendida como “uma positividade ‘aquilo que sou’, uma característica independente, um ‘fato’ autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente”. A diferença, por outro lado, é frequentemente tratada como aquilo que o outro é, em oposição à identidade própria, “uma entidade independente” (Silva, 2017, p. 74). No entanto, a identidade e a diferença estão intimamente relacionadas e dependem uma da outra para fazer sentido. Quando afirmamos nossa identidade, como “sou brasileiro”, estamos, na verdade, afirmando nossa diferença em relação a outros, como “não sou italiano”, “não sou coreano”. A identidade e a diferença, portanto, não existem isoladamente, mas sim, em um jogo de relações mútuas.

Esse entendimento das identidades e diferenças não como entidades isoladas, mas como processos interdependentes, desafia a visão tradicional, onde a identidade é a referência e a diferença é definida em relação a ela. Em uma visão mais radical, seria possível argumentar que a diferença é o processo inicial, não a identidade. A diferença, então, deve ser entendida não como o resultado de um processo, mas como o próprio processo de diferenciação que dá

¹² Conforme o Dicionário Significados (2024), o conceito de diáspora significa dispersão de povos.

origem tanto à identidade quanto à diferença. A identidade e a diferença, portanto, são mutuamente determinadas e devem ser analisadas como processos dinâmicos e contextuais, em vez de categorias fixas e independentes.

A identidade e a diferença são conceitos intimamente interligados e, ao mesmo tempo, frutos de um processo de criação linguística. Elas não existem como elementos naturais ou essências preexistentes, mas são ativamente produzidas em contextos culturais e sociais. Através da linguagem, é possível nomeá-las e, por conseguinte, instituí-las, o que revela sua construção social. A identidade de um país, como a brasileira, é definida por meio de um conjunto de atos linguísticos que a diferenciam de outras identidades nacionais. A identidade e a diferença, portanto, são produtos de um processo simbólico e discursivo, sendo influenciadas por relações de poder. Elas não são neutras; ao contrário, estão associadas a disputas por recursos materiais e simbólicos dentro da sociedade. Esse processo de definição e diferenciação é desigual, com grupos sociais com maior poder definindo as normas e impondo suas próprias versões de identidade. Como tal, a identidade e a diferença não são apenas questões de reconhecimento, mas de afirmação de posições no campo social e cultural. A operação de incluir e excluir é fundamental para a construção de identidade, criando fronteiras que separam o que pertence e o que não pertence, o que é considerado “normal” e “anormal”.

As classificações feitas para ordenar o mundo social, como “nós” e “eles”, são essencialmente formas de hierarquização. As relações de poder estão presentes nessas classificações, onde um termo sempre recebe um valor positivo e o outro, negativo. A noção de “normalidade” é um exemplo disso, onde a identidade “normal” se torna invisível, não sendo vista como uma identidade, enquanto outras identidades são marcadas e categorizadas. Segundo Silva (2017, p. 83), normalizar

[...] significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade.

A fixação da identidade, muitas vezes associada a elementos culturais ou biológicos, como em mitos fundadores e estereótipos, busca estabilizar essas categorias. No entanto, a identidade está sempre em movimento e sujeita a subversões.

A teoria cultural e social contemporânea propõe que, além dos processos de fixação, existem dinâmicas que subvertem a identidade. O hibridismo, por exemplo, questiona a pureza e a separação das identidades, promovendo a ideia de que elas são formadas através da interação e mistura de diferentes grupos.

O processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas (Silva, 2017, p. 87).

É fundamental ressaltar que a hibridização cultural, embora seja um fenômeno complexo e dinâmico, frequentemente ocorre em contextos marcados por assimetrias de poder. Em processos como a colonização, por exemplo, a hibridização impõe-se muitas vezes de forma coercitiva, resultando em identidades híbridas que carregam as marcas de uma relação de dominação. Consequentemente, a identidade e a diferença não podem ser compreendidas como entidades fixas ou essencializadas, mas sim como constructos sociais fluidos e instáveis, moldados por relações de poder e disputas simbólicas.

O conceito de “terceiro espaço” proposto por Bhabha (1994, citado por Silva, 2017, p. 87), oferece uma ferramenta analítica valiosa para compreender os processos de hibridização. Nesse espaço liminar, as identidades híbridas emergem como resultado de encontros culturais complexos, desafiando as categorias binárias e as hierarquias estabelecidas. No entanto, é crucial enfatizar que o terceiro espaço não é um local de harmonia e sincretismo, mas sim um campo de tensão e conflito, onde as identidades são constantemente negociadas e redefinidas. Ao introduzir uma diferença que questiona a ordem estabelecida, o terceiro espaço abre possibilidades para a desestabilização das identidades hegemônicas e para a emergência de novas formas de subjetividade.

A identidade, portanto, é um conceito que se move entre o passado e o futuro, entre sua necessidade de pensar em suas novas expressões. A política da identidade está intimamente relacionada a esse processo, já que envolve não apenas uma análise das condições sociais e políticas nas quais a identidade é formada, mas também das práticas discursivas que a constituem. Nesse contexto, a identidade não pode ser entendida de maneira simples ou essencialista, mas deve ser pensada de forma complexa e dinâmica, considerando as formas de exclusão e de subjetivação que ela envolve. Nesse processo de subjetivação, a identidade ou, mais precisamente, a identificação, emerge como um campo semântico.

Neste sentido, as identificações pertencem ao imaginário; elas são esforços fantasmáticos de alinhamento, de lealdade, de coabitações ambíguas e intercorporais. Elas desestabilizam o eu; elas são a sedimentação do “nós” na constituição de qualquer eu; elas constituem a estruturação presente da alteridade, contida na formulação mesma do eu. As identificações não são, nunca, plenamente e finalmente feitas; elas são incessantemente reconstituídas e, como tal, estão sujeitas à lógica volátil da iterabilidade: Elas são aquilo que é constantemente arregimentado, consolidado, reduzido, contestado e, ocasionalmente, obrigado a capitular (Souter, 1993, p. 105, citado por Hall, 2017, p. 130).

A identificação, ao contrário de ser um conceito fixo, é vista como algo em constante construção, um processo contínuo de reconhecimento e renegociação. Embora tenha suas condições determinadas, como os recursos materiais e simbólicos necessários para sustentá-la, a identificação nunca é completamente estável e pode ser sustentada ou abandonada, dependendo das circunstâncias. Assim como a identidade, a qual é um processo relacional e social, moldado pelas interações com os outros e pelas experiências de vida.

3.2 Entre Culturas: Identidade, comunicação e inglês como segunda língua

O impacto do inglês como segunda língua transcende a simples tradução literal, abrindo espaço para um processo complexo de negociação de significados e adaptação de expressões. Esse fenômeno evidencia como a comunicação em inglês é profundamente influenciada pelos contextos culturais e linguísticos dos interlocutores. Longe de ser uma simples transposição de palavras entre idiomas, o uso do inglês resulta em interações que frequentemente criam novos significados em um “entre-lugar” cultural. Para compreender a complexidade dessa negociação, é fundamental analisar a comunicação em três níveis distintos, conforme sistematizado por Smith e Nelson (1985), e discutido por Smith e Christopher (2006). Os autores definem o processo comunicativo por meio da distinção entre três níveis: “Inteligibilidade: reconhecimento de palavra/enunciado. Compreensibilidade: significado de palavra/enunciado (força locucionária). Interpretabilidade: significado além de palavra/enunciado (força ilocucionária)” (Smith; Nelson, 1985, p. 33, citado por Smith; Christopher, 2006, p. 94, tradução nossa).

Os autores enfatizam que, em contextos transculturais, o reconhecimento das palavras e de seus significados superficiais não é suficiente para garantir o reconhecimento da interpretabilidade, ou seja, do significado subjacente e das intenções culturais. Considere, por exemplo, o desafio da inteligibilidade fonética em interações com falantes de inglês indiano. Devido ao uso acelerado da língua e a padrões de estresse silábico e pronúncia diferentes dos padrões americanos (como os sons “W”, “TH” ou o “T” americano), executivos de RH¹³ em empresas globais frequentemente relatam dificuldades em compreender colaboradores indianos, apesar de sua fluência (Baker, 2024; Smith; Christopher, 2006). A dificuldade, neste caso, não reside no domínio gramatical ou lexical, mas na interpretabilidade da mensagem fonética, onde a variação no sotaque exige um esforço maior do ouvinte. Essa situação destaca

¹³ FLUENCY CORP. *India's Relationship with the English Language*. Disponível em: <https://fluencycorp.com/indias-relationship-with-the-english-language/>. Acesso em: 18 out. 2025.

que a inteligibilidade, mesmo entre falantes fluentes, é desafiada por variações regionais, levando o ouvinte americano à frustração e, em contrapartida, o falante indiano à insegurança linguística.

Em complemento, a comunicação intercultural também falha na interpretabilidade cultural (força ilocucionária), que ocorre mesmo quando as palavras são compreendidas. Por exemplo, em uma situação de recusa em um contexto de hospitalidade indiana, um falante de inglês como segunda língua, de origem indiana, pode responder a um convite inconveniente com frases como “*I will try my best*” (Vou tentar o meu melhor) ou “*It might be possible later*” (Pode ser possível mais tarde). Neste caso, a inteligibilidade e a compreensibilidade foram atingidas. No entanto, o interlocutor americano tende a interpretar a frase como uma confirmação hesitante, esperando que o compromisso se concretize. A intenção real do falante indiano é transmitir uma recusa sutil e polida (Smith; Christopher, 2006). A falha reside na dificuldade do americano em compreender que, em muitas normas culturais indianas, a recusa direta e o uso da palavra “não” são evitadas para preservar a harmonia social e o relacionamento. O uso do inglês pelo falante (ISL) foi moldado por uma norma cultural de polidez e hierarquia, criando um novo significado no “entre-lugar” cultural.

Outro aspecto relevante é que a identidade cultural não é fixa; ela pode se transformar de acordo com o contexto. “Elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes [...] identidades” (Hall, 2014, p. 12). Em situações de interação intercultural, as pessoas frequentemente ajustam seu estilo comunicativo para facilitar o entendimento e construir relações. Esse processo, conhecido como acomodação comunicativa (TCA)¹⁴, é essencial para a mediação das diferenças culturais. Um exemplo é a maneira como falantes de inglês de diferentes regiões abordam pedidos de desculpas. Enquanto um americano pode dizer “*I’m sorry*” concisamente, um falante da Índia pode optar por uma frase mais elaborada, como “*I deeply regret the inconvenience caused*”, devido às normas culturais de polidez e hierarquia.

A identidade cultural também molda as expectativas em relação ao estilo comunicativo. Em algumas culturas, como a estadunidense, espera-se que os indivíduos expressem suas opiniões de maneira direta e assertiva. Em contrapartida, em culturas africanas, como a da África do Sul, há uma tendência a evitar confrontos diretos para preservar a harmonia social e

¹⁴ Consoante a Giles (1973), busca explicar e prever quando, como e por que os indivíduos se envolvem em ajustes interacionais com outros. Como uma pessoa mudando seu sotaque para combinar com o indivíduo com quem está falando. Além disso, a TCA estuda as inferências, atribuições e avaliações dos destinatários e as respostas a eles.

o respeito mútuo. Durante negociações, por exemplo, um americano pode interpretar a hesitação de seu interlocutor sul-africano como falta de opinião ou assertividade, enquanto o sul-africano pode considerar a abordagem excessivamente direta do americano como insensível ou desrespeitosa.

Portanto, o uso do inglês como segunda língua é muito mais do que uma questão de vocabulário ou gramática. É um processo dinâmico em que culturas se encontram, significados são negociados e novas formas de expressão surgem. Esse “entre-lugar” cultural não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um reflexo da complexidade e da riqueza da interação humana. Segundo Byram (1997), a competência intercultural é uma habilidade essencial no mundo globalizado atual, onde as interações entre pessoas de diferentes culturas são frequentes. Essa competência envolve a capacidade de compreender, respeitar e adaptar-se às práticas culturais alheias, contribuindo para a eficácia na comunicação intercultural e para a prevenção de mal-entendidos que podem comprometer relações pessoais e profissionais.

Primeiramente, para desenvolver a competência intercultural, é imprescindível adquirir conhecimentos sobre as diferenças culturais. Cada cultura possui formas particulares de expressar respeito, saudar ou interagir socialmente. Por exemplo, em países como a Índia, o ato de juntar as mãos e curvar a cabeça (Namastê) é uma maneira tradicional de saudar e demonstrar respeito e deferência, enquanto em culturas ocidentais, apertos de mão ou abraços podem ser mais comuns. Ademais, a comunicação intercultural não se limita à linguagem verbal; elementos como gestos, expressões faciais e espaço pessoal também variam de cultura para cultura. Esse conhecimento, aliado à observação e à prática, permite que indivíduos se tornem mais sensíveis às nuances culturais e aprimorem suas interações.

Em segundo lugar, há a necessidade de desenvolver habilidades práticas para ajustar o tom e o estilo da fala ao contexto cultural. A adaptação é crucial porque os estilos comunicativos variam amplamente. Enquanto algumas culturas, como a filipina, podem valorizar a clareza e a objetividade em certos contextos profissionais, outras, como a indiana, podem preferir uma comunicação indireta e mais polida. Por exemplo, durante uma reunião de negócios, um executivo nigeriano, ao interagir com um colega britânico (nativo), pode perceber que expressões de entusiasmo e familiaridade comuns na Nigéria, como um contato visual prolongado ou certas formas de humor, podem ser interpretadas como excessivamente diretas ou informais por um britânico. Ajustar-se a essas diferenças demanda não apenas conhecimento prévio, mas também flexibilidade e empatia para reconhecer e responder adequadamente aos sinais culturais. Embora esses tópicos possam parecer superficiais, eles desempenham um papel fundamental na construção de relações. Além disso, respeitar costumes locais, como evitar

tópicos polêmicos em uma conversa casual, demonstra empatia e conhecimento cultural. A partir de experiências como essa, a competência intercultural é aprimorada de forma prática e significativa.

3.3 Entre Culturas: Identidade cultural e a influência no uso de palavras e expressões em inglês

A identidade cultural desempenha um papel fundamental na comunicação, influenciando desde a escolha de palavras e expressões até a forma como gestos e tons de voz são utilizados. Essa identidade, resultante de um conjunto de valores, crenças e tradições compartilhadas por um grupo, está intrinsecamente ligada à maneira como os indivíduos percebem e interagem com o mundo ao seu redor.

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

Durante as interações interculturais, as diferenças na identidade cultural podem se tornar evidentes, impactando a eficácia da comunicação e exigindo adaptações.

A linguagem, por sua vez, é um dos principais elementos através dos quais a identidade cultural se manifesta. Escolhas linguísticas, como o uso de termos formais ou informais, podem refletir valores culturais subjacentes. Por exemplo, um brasileiro, cuja cultura privilegia a expressividade e a proximidade, pode empregar linguagem mais emocional ou gestual durante uma conversa. Em contraste, indivíduos provenientes de culturas consideradas mais formais ou reservadas, como o Japão, podem adotar um tom mais contido e escolher palavras que enfatizem o respeito e a hierarquia.

Além da linguagem verbal, a identidade cultural influencia o uso de elementos não verbais, como gestos, expressões faciais e proximidade física. Um comportamento considerado amigável em uma cultura pode ser visto como desrespeitoso em outra. Um exemplo clássico é o uso do toque: enquanto em culturas latinas é comum tocar no braço do interlocutor para estabelecer conexão, em culturas como a britânica ou a sueca isso pode ser considerado uma invasão de espaço pessoal. Essas diferenças requerem sensibilidade por parte dos comunicadores para evitar interpretações erradas e promover interações bem-sucedidas.

Essas adaptações, embora úteis, nem sempre são intuitivas. Um dos principais desafios nas interações interculturais é a tendência de interpretar os comportamentos do outro através da lente de sua própria cultura, o que pode levar a julgamentos equivocados. Por exemplo, a tendência de um falante alemão de ser direto e objetivo pode ser percebida como rude por um brasileiro, enquanto a abordagem mais indireta e contextualizada do brasileiro pode ser vista como confusa ou ineficiente pelo alemão. Isso destaca a importância de desenvolver competências interculturais, que incluem a capacidade de reconhecer e valorizar as diferenças culturais sem atribuir juízos de valor.

A identidade cultural também molda as expectativas em relação ao estilo comunicativo. Em algumas culturas, como a estadunidense, espera-se que os indivíduos expressem suas opiniões de maneira direta e assertiva. Em contrapartida, em culturas asiáticas, como a chinesa, há uma tendência a evitar confrontos diretos para preservar a harmonia social. Durante negociações, por exemplo, um americano pode interpretar a hesitação de seu interlocutor chinês como falta de opinião, enquanto o chinês pode considerar a abordagem direta do americano como insensível.

Em suma, a identidade cultural é um componente que molda não apenas o que é dito, mas também como é dito, influenciando profundamente as interações humanas. No próximo capítulo, exploro como a mídia, como um poderoso veículo de comunicação, molda as percepções e as práticas culturais, influenciando a forma como nos vemos e como somos vistos pelos outros.

4 ENTRE LÍNGUAS E CULTURAS: O PAPEL DO INGLÊS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS NA MÍDIA

O presente capítulo visa discutir o impacto do uso do inglês como segunda língua na interação entre falantes de diferentes culturas, com foco nas representações culturais mediadas pela mídia. Para tal, a questão norteadora deste tópico é: de que maneira a mídia em língua inglesa representa e reforça estereótipos culturais?

A língua inglesa desempenha um papel central na comunicação global, funcionando como um meio poderoso para a expressão de identidades culturais. Dessa maneira, a mídia se destaca como um dos principais instrumentos de propagação cultural em escala global. Conforme Hall (1997), a linguagem como sistema de significação não apenas reflete a realidade, mas também constrói significados que moldam como indivíduos e grupos se percebem e são percebidos. Nessa ocasião, o inglês, amplamente utilizado na mídia, opera como uma ferramenta de articulação dessas identidades culturais, reforçando ou questionando valores e narrativas dominantes.

A mídia é uma das principais plataformas onde identidades culturais são negociadas e representadas. De acordo com Hall (1997), a identidade é sempre relacional e processual, estando em constante construção. No caso da mídia falada ou escrita, isso se torna particularmente evidente, pois ela frequentemente reflete tanto uma cultura globalizada quanto às especificidades locais. Filmes, séries, músicas e anúncios publicitários em inglês têm o poder de difundir ideais culturais de origem anglófona, mas também permitem a apropriação e ressignificação dessas narrativas por outras culturas, criando um espaço híbrido onde múltiplas identidades podem coexistir e interagir.

No entanto, essa difusão não ocorre sem desafios. Hall (1997) argumenta que a globalização cultural pode levar a uma tensão entre a homogeneização cultural e a afirmação de identidades locais. E é nesse espaço que ele apresenta três abordagens: reflexiva, intencional e construtivista, para explicar como a representação do significado através da linguagem funciona.

A abordagem reflexiva sustenta que o significado já está presente nos objetos, eventos ou ideias do mundo real, e que a linguagem atua como um espelho que reflete essa realidade preexistente. Esse conceito tem raízes na mimese grega¹⁵, que percebia a arte e a linguagem como imitação da natureza. Por exemplo, na abordagem reflexiva, uma árvore é representada

¹⁵ Segundo a SP Escola de Teatro (2021), é um termo de origem grega que significa imitar. A mimese é a imitação ou representação de algo.

pela palavra “árvore” porque essa palavra reflete diretamente a essência do objeto físico “árvore”. Assim, os sinais linguísticos seriam diretamente correspondentes aos objetos ou ideias que representam. No entanto, embora reconheça uma certa correspondência entre os sinais e os objetos que representam, essa abordagem é limitada ao ignorar que a linguagem opera por meio de códigos culturais e não é uma simples duplicação da realidade.

Na abordagem intencional, por sua vez, propõe-se que o significado seja determinado pelo falante ou autor, sendo uma expressão de sua intenção pessoal. Embora enfatize o desejo do indivíduo na produção de significado, essa perspectiva falha ao desconsiderar que a linguagem é um sistema social e compartilhado. A comunicação depende de códigos e convenções linguísticas que ultrapassam a subjetividade do falante, permitindo que ideias sejam compreendidas por outros dentro de um contexto cultural.

Já a abordagem construtivista apresenta uma visão mais complexa e amplamente aceita no campo dos estudos culturais. Ela argumenta que o significado não é inerente às coisas nem imposto exclusivamente pelos indivíduos, mas construído por atores sociais por meio de sistemas representacionais. Esses sistemas compostos por conceitos, sinais e convenções culturais são utilizados para atribuir significado ao mundo material e comunicar ideias de forma significativa. Aqui, o foco está na prática da representação como um processo simbólico, no qual o significado emerge da função simbólica dos signos e não de sua materialidade. Ao adotarmos essa perspectiva, podemos compreender melhor como os estereótipos culturais são produzidos e disseminados, uma vez que eles são, em última instância, produtos de sistemas simbólicos e de práticas sociais.

Estereótipos culturais são representações simplificadas e, muitas vezes, exageradas de grupos de pessoas, que reduzem suas características e comportamentos a clichês facilmente reconhecíveis. Estes estereótipos podem ser baseados em diversas variáveis, como etnia, gênero, classe social e até nacionalidade, e são frequentemente utilizados na mídia para facilitar a compreensão de personagens e situações. No entanto, a tendência da mídia de simplificar ou exagerar essas representações pode levar a uma visão distorcida da realidade, afetando a percepção de culturas, comportamentos e identidades. Como argumenta Hall (1997), as representações culturais na mídia não apenas refletem a realidade social, mas também são fundamentais na construção de significados culturais e identidades. A mídia tem o poder de reforçar estereótipos ao retratar de maneira repetitiva determinadas imagens de grupos sociais, solidificando essas ideias no imaginário coletivo.

A função do estereótipo vai além da mera simplificação narrativa. De acordo com Dyer (1999), enfatiza o profundo significado que eles carregam para o indivíduo e o grupo:

Um padrão de estereótipos não é neutro. Não é meramente uma forma de substituir a ordem pela grande e florescente, zumbidora confusão da realidade. Não é meramente um atalho. É tudo isso e algo mais. É a garantia de nosso amor-próprio; é a projeção no mundo de nosso próprio senso de nosso próprio valor, nossa própria posição e nossos próprios direitos. Os estereótipos são, portanto, altamente carregados com os sentimentos que estão ligados a eles. Eles são a fortaleza de nossa tradição, e por trás de suas defesas podemos continuar a nos sentir seguros na posição que ocupamos (Lippmann, 1956, citado por Dyer, 1999, p. 96).

Ao sugerir que os estereótipos não são apenas ferramentas cognitivas ou narrativas, o autor introduz que eles são, primariamente, mecanismos de defesa e autoafirmação para os grupos dominantes ou para quem os emprega. Ao reduzir “o outro” a um clichê, o estereótipo não só simplifica o mundo, como atalho, mas também demarca a fronteira entre “nós” e “eles” (o diferente, o “outro”). Assim, quando a mídia em língua inglesa retrata o Oriente como misterioso/perigoso (Said, 1978) ou insiste na figura do homem branco americano como herói, esses estereótipos não apenas entretêm, mas reforçam o “senso de valor, posição e direitos” da cultura dominante, tornando-se “fortalezas de nossa tradição”.

Na mídia em língua inglesa, é possível identificar vários estereótipos culturais frequentemente presentes. Alguns dos mais comuns incluem, segundo Said (1978), uma visão distorcida e exótica do Oriente, representando-o como um lugar perigoso ou misterioso, frequentemente associado a vilões. Em filmes de ação, o herói típico é frequentemente um homem branco americano, enquanto os vilões são frequentemente estereotipados como pertencentes a outras etnias ou nacionalidades, como latinos e árabes. Na mídia, as divisões de classe social também são frequentemente representadas de maneira simplificada. De acordo com Bourdieu (1984), as representações reforçam as noções de distinção social, perpetuando uma hierarquia entre diferentes classes. A classe média é geralmente associada a uma vida confortável e “normal”, enquanto as classes mais baixas são retratadas como figuras coadjuvantes ou estigmatizadas, e os ricos são frequentemente vistos como pessoas superficiais ou gananciosas.

Esses estereótipos culturais são onipresentes na mídia e, ao longo do tempo, se tornam tão naturalizados que muitas vezes passam despercebidos pelo público. No entanto, embora sejam amplamente usados para criar narrativas familiares e acessíveis, esses estereótipos podem ter impactos negativos ao promover visões reducionistas e preconceituosas.

A mídia tem um papel fundamental na construção e manutenção de estereótipos culturais, pois, como afirma Hall (1997), as representações culturais são, em grande parte, construídas através da mídia. Ela contribui para o processo de “significação”, no qual certos significados culturais são atribuídos a imagens, palavras e comportamentos. A mídia, ao criar

representações visíveis de culturas e identidades, desempenha um papel importante na maneira como o público compreende o “outro”. Os estereótipos culturais são particularmente atraentes para os produtores de conteúdo, por serem fáceis de entender e oferecerem uma maneira de conectar o público emocionalmente à narrativa.

Entretanto, Hall (1997) também argumenta que, embora a mídia seja um espaço de reprodução de estereótipos, ela também pode ser um espaço de resistência. Produções de mídia mais contemporâneas têm desafiado esses estereótipos ao oferecer representações mais detalhadas e diversificadas das culturas e identidades. Ao apresentar personagens complexos e histórias mais ricas, a mídia pode questionar as representações tradicionais e ajudar a promover uma compreensão mais justa e ampla de diferentes culturas.

Além de perpetuar estereótipos, a mídia também pode ser vista como um espaço de resistência à apropriação cultural. Quando representações estereotipadas são questionadas e subvertidas, a mídia oferece uma alternativa às narrativas dominantes. Produções como *Black Panther* (2018) e *Crazy Rich Asians* (2018) são exemplos de como a mídia pode quebrar estereótipos raciais e culturais ao apresentar personagens e histórias mais autênticas e diversificadas. Essas produções desafiam a visão reducionista de que as culturas não ocidentais devem ser vistas como exóticas ou “outros”, e apresentam personagens negros e asiáticos como protagonistas fortes e multifacetados.

Retornando à teoria de Hall (1997), podemos concluir que a mídia tem um papel significativo na construção de representações culturais e na formação de identidades sociais. Se, por um lado, o argumento de Dyer (1999) demonstra o profundo apego emocional e defensivo que os grupos têm aos seus estereótipos, explicando sua persistência na mídia, por outro lado, a mídia também tem o poder de desafiar essas representações ao apresentar histórias e personagens mais complexos e diversos. Filmes como *My Big Fat Greek Wedding* (2002), o objeto deste trabalho, demonstram como estereótipos podem ser usados para contar histórias engraçadas e emocionantes, mas também como podem ser subvertidos para mostrar a riqueza das identidades culturais. Em última análise, a mídia tem a responsabilidade de não apenas refletir a sociedade, mas também de questionar as representações dominantes e promover uma visão mais inclusiva e plural da diversidade cultural.

5 METODOLOGIA

Sabe-se que a escolha de uma metodologia adequada é crucial para o desenvolvimento de um estudo eficaz. Gil (1999) destaca que a metodologia constitui o alicerce da investigação científica, pois é ela que orienta a escolha e a aplicação das técnicas e instrumentos de pesquisa, garantindo a qualidade dos dados e a rigorosidade das análises.

Com base nesta premissa, esta seção apresenta e detalha o percurso metodológico adotado neste estudo, o qual foi fundamental para assegurar a replicabilidade da pesquisa e a compreensão do processo científico percorrido.

Para tanto, este capítulo foi estruturado em três partes principais. Inicialmente, foi apresentada a classificação da pesquisa, definindo sua abordagem qualitativa e o delineamento como estudo de caso utilizando a técnica de análise de conteúdo. Em seguida, foi descrito o objeto da pesquisa, com a justificativa da obra cinematográfica “*My Big Fat Greek Wedding*” como *corpus* de análise. Por fim, foram detalhadas as etapas sequenciais da Análise de Conteúdo de Bardin (1977) que guiaram a produção e a interpretação dos dados, concluindo o percurso metodológico prático.

5.1 Classificação da Pesquisa

A classificação da pesquisa diz respeito à forma como o estudo foi estruturado e categorizado, considerando seus objetivos, abordagem, métodos de coleta e análise de dados. Diante disso, o primeiro passo consistiu em reafirmar o objetivo central deste estudo: analisar a relevância dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa como segunda língua (ISL), de modo a justificar as escolhas metodológicas subsequentes. Dessa maneira, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, que, conforme Gil (1999, p. 27):

é subjetiva ao objeto de estudo, ergue-se sobre a dinâmica e abordagem do problema pesquisado e visa descrever e decodificar de forma interpretativa os componentes de um sistema complexo de significados, sem se preocupar com a mensuração dos fenômenos, pois permeia a compreensão do contexto no qual ocorre o fenômeno.

Desse modo, o estudo concentrou-se na interpretação dos aspectos culturais como parte de um sistema de significados, ou seja, considerou que as características estão inseridas em um contexto, ao invés de isoladas. A abordagem qualitativa tende a considerar que o ambiente e as condições em que essas características se encontram exerçam influência sobre o que elas

realmente representam. Assim, é preciso entender o contexto completo para captar o verdadeiro sentido do que está sendo apresentado.

Diante da complexidade do fenômeno investigado, que envolve a dinâmica dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa, delimitou-se para o desenvolvimento desse estudo a pesquisa de estudo de caso, o que permitiu uma análise aprofundada desses aspectos. Segundo Godoy (1995, p. 25), o estudo de caso

[...] se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular [...] O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões "como" e "por quê" certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real.

Esse tipo de pesquisa concentra-se em estudar profundamente um único objeto, que pode ser um ambiente, uma pessoa ou uma situação específica. O objetivo é analisar todos os detalhes desse objeto, buscando uma compreensão completa e aprofundada dele, em vez de comparar vários casos ou fazer generalizações. É uma abordagem focada e detalhada, ideal para entender bem um caso específico, a qual foi incrementada nesse trabalho, com a função de analisar a relação entre cultura, comunicação e língua inglesa.

Com base no pressuposto metodológico do estudo de caso, esta pesquisa utilizou a análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (1977), que argumenta que a metodologia “tem como objeto a palavra, isto é, o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem”, focando na prática concreta da língua realizada por emissores identificáveis. Assim, a análise voltou-se para a representação fílmica de “*My Big Fat Greek Wedding*”, visando desvelar a relevância dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa ao identificar e analisar as expressões culturais dos personagens. Essa abordagem permitiu investigar como a “palavra”, o uso da linguagem por indivíduos específicos, reflete a cultura e a identidade dos falantes, conforme retratado na obra.

5.2 Objeto da Pesquisa

A análise de filmes como recurso metodológico na pesquisa tem ganhado destaque devido à sua capacidade de integrar elementos culturais, linguísticos e narrativos em um único objeto de estudo. No presente trabalho, a obra cinematográfica “*My Big Fat Greek Wedding*”, selecionada na plataforma *YouTube* em setembro de 2023, foi escolhida como objeto principal de análise devido à sua relevância cultural e à sua potencialidade para explorar aspectos

comunicativos e culturais em língua inglesa. A representação fílmica “*My Big Fat Greek Wedding*”, uma comédia romântica norte-americana de 2002, dirigida por Joel Zwick, aborda de forma leve e divertida, questões relacionadas ao choque cultural, as dificuldades de comunicação, às relações familiares e à identidade individual em um contexto de imigração e adaptação cultural. Baseado em experiências pessoais da roteirista e protagonista Nia Vardalos, a narrativa retrata a história de Toula Portokalos, uma mulher greco-americana, que enfrenta as expectativas tradicionais de sua família enquanto tenta construir sua própria identidade e se relacionar com Ian Miller, um americano sem conexão com as tradições gregas.

O enredo do filme oferece um rico material para analisar os aspectos culturais e comunicativos que emergem no uso do inglês como segunda língua, sobretudo em interações entre pessoas de diferentes origens culturais. Toula e sua família vivem nos Estados Unidos, mas mantêm costumes, valores e expressões linguísticas que refletem fortemente suas raízes gregas. Esse contexto enfatiza as consequências e os desafios da convivência multicultural, que afetam a comunicação e a percepção entre os personagens. Além da língua inglesa, o filme apresenta uma série de expressões culturais, tanto gregas quanto americanas, que influenciam a interação entre os personagens e realçam a complexidade de se comunicar em um idioma que não é a língua materna. Situações como o uso de expressões idiomáticas, o choque cultural e a necessidade de explicações adicionais para traduzir significados culturais são evidentes e permitem uma análise detalhada das dinâmicas envolvidas.

Ao se observar a vivência de pessoas que utilizam o inglês como segunda língua, fica evidente no filme que a língua vai além de uma ferramenta de comunicação. Ela é também um meio de negociação de identidade e pertencimento. Essa luta pela construção de uma identidade híbrida, comum em contextos de imigração, demonstra como a língua é influenciada por fatores culturais.

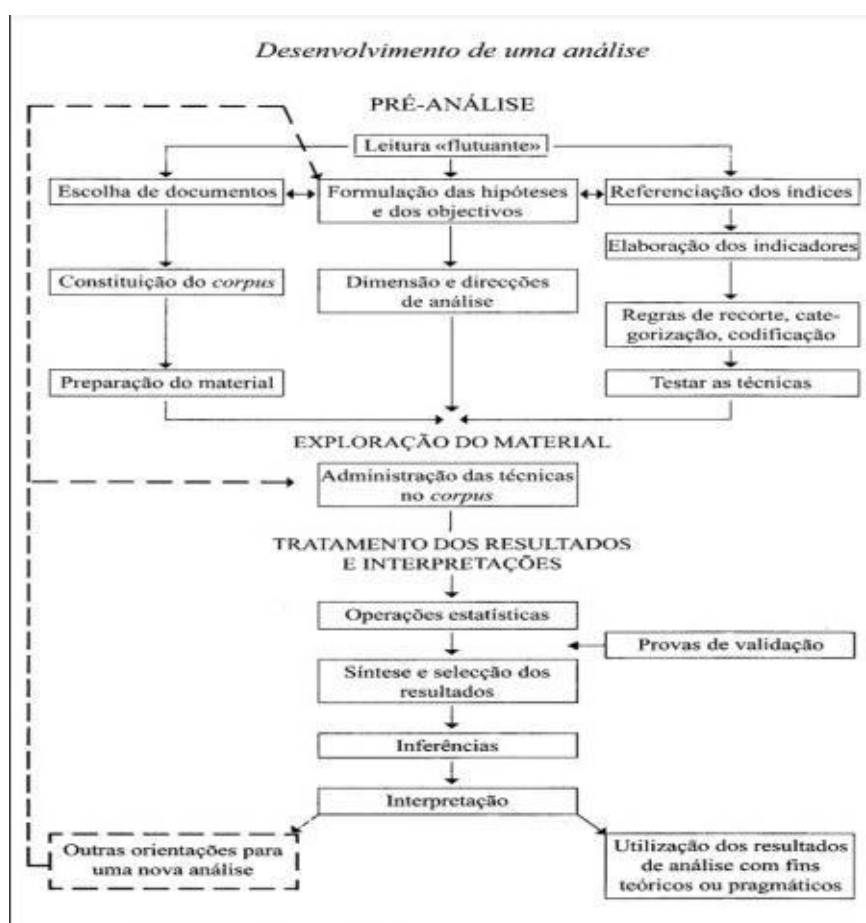
A escolha desse filme justifica-se pela sua capacidade de evidenciar a influência da cultura na comunicação, especialmente em contextos de contato entre diferentes grupos linguísticos e étnicos. Através da análise de “*My Big Fat Greek Wedding*”, busca-se compreender como as identidades culturais são construídas e negociadas na interação comunicativa, com foco no uso do inglês como segunda língua e as implicações culturais dessa prática. A narrativa permite uma análise detalhada de diálogos, expressões idiomáticas e comportamentos sociais que refletem valores culturais específicos. Esses aspectos são essenciais para compreender como a língua molda as interações entre indivíduos de contextos culturais diversos. Outros critérios específicos para a seleção do filme como objeto deste trabalho, conta com seu gênero de comédia romântica, que facilita o engajamento do público.

Além disso, a popularidade do filme o torna acessível a diversos públicos, contribuindo para a sua relevância como material de pesquisa. Esses critérios foram cuidadosamente considerados para garantir que o objeto de estudo se alinhasse ao objetivo principal do trabalho: analisar a relevância dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa como segunda língua.

5.3 Percurso Metodológico: etapas da pesquisa

Diante da necessidade de analisar a relevância dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa como segunda língua, este estudo adotou uma abordagem sistemática, dividida em três etapas sequenciais. De acordo com Bardin (1977, p. 95), a análise de conteúdo “é representada por três diferentes fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”.

Figura 3 - Desenvolvimento de uma análise



Fonte: Bardin, 1977.

Ao iniciar minha pesquisa, a primeira etapa consistiu em uma imersão profunda no filme. Nesse momento, busquei me conectar com a narrativa intuitivamente, sem me preocupar

com detalhes técnicos. Essa etapa inicial foi crucial para direcionar minhas análises subsequentes e garantir que minhas perguntas de pesquisa fossem relevantes para a compreensão do filme.

A fim de construir um argumento sólido sobre a relevância dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa como segunda língua, selecionei cuidadosamente as cenas de “*My Big Fat Greek Wedding*” que seriam analisadas. Optei por momentos que evidenciam o choque cultural, as negociações de identidade, o uso da língua inglesa como segunda língua e, principalmente, os aspectos culturais relacionados à comunicação em língua inglesa.

Ao definir as cenas, busquei compreender como a língua molda as relações sociais e as identidades culturais. A partir da imersão no filme, formulei hipóteses sobre a negociação de identidades, o uso da língua como ferramenta de poder e a importância da cultura na comunicação.

À vista disso, codifiquei os dados, atribuindo etiquetas a segmentos do filme que representavam diferentes temas. Em seguida, organizei esses códigos em categorias mais amplas, como identidade cultural, choque cultural e outros. A quantificação da frequência dessas categorias me permitiu identificar os temas mais recorrentes no filme de forma objetiva. Conforme Bardin (1977), a codificação transforma o texto bruto em dados analisáveis, por meio de um processo sistemático de recorte, agregação e enumeração.

Na terceira e última etapa da minha pesquisa, empreguei a análise aprofundada dos dados coletados na obra “*My Big Fat Greek Wedding*”. Onde visei desvendar os significados por trás das palavras e ações dos personagens. A partir da análise detalhada das cenas selecionadas, comecei a identificar padrões, contradições e nuances que me permitiram construir um quadro mais completo da relação entre linguagem, cultura e identidade no filme. Ao interpretar os resultados, fui além do que estava explicitamente dito, buscando apurar os significados implícitos e as mensagens subjacentes à narrativa.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentarei a análise dos dados coletados a partir da observação do filme *My Big Fat Greek Wedding* (2002). Conforme delineado na metodologia, a análise orienta-se pelos princípios da análise de conteúdo de Bardin (1977), buscando interpretar os diálogos, as situações de interação e os elementos não verbais à luz do referencial teórico sobre cultura, identidade e comunicação em língua inglesa. O objetivo central desta etapa é demonstrar empiricamente como os aspectos culturais atuam como filtros, barreiras ou pontes na comunicação entre falantes de diferentes origens, transcendendo a competência puramente linguística.

Para fundamentar a análise dos dados, faz-se necessário contextualizar a obra cinematográfica selecionada, apresentando suas especificidades técnicas e narrativas. O filme *My Big Fat Greek Wedding*, distribuído no Brasil sob o título Casamento Grego, constitui o *corpus* principal desta pesquisa. Lançada comercialmente nos Estados Unidos em 19 de abril de 2002 e no Brasil em 8 de novembro do mesmo ano, a obra é classificada nos gêneros de comédia romântica e comédia de costumes. Sob a direção de Joel Zwick e roteiro de Nia Vardalos, o filme possui duração de 95 minutos e consolidou-se como um fenômeno cultural, dando origem posteriormente a uma franquia que inclui uma *sitcom*¹⁶ e duas sequências cinematográficas lançadas em 2016 e 2023.

A produção conta com um elenco liderado pela própria roteirista, Nia Vardalos, interpretando a protagonista Fotoula “Toula” Portokalos, e John Corbett no papel de Ian Miller. O núcleo familiar é composto por Lainie Kazan (Maria Portokalos), Michael Constantine (Gus Portokalos) e Andrea Martin (Tia Voula), cujas atuações são centrais para a representação da dinâmica cultural grega. A origem da obra reside na experiência autobiográfica de Vardalos, originalmente concebido como um monólogo teatral, o texto baseia-se na vivência da autora em Winnipeg, no Canadá, e em seu casamento com um homem não grego. A adaptação para o cinema foi viabilizada pela produtora Playtone, dos atores Tom Hanks e Rita Wilson, após estes assistirem à peça. É relevante destacar que, durante o processo de desenvolvimento, a autora recusou propostas de estúdios que sugeriam alterar a etnia da família para hispânica ou escalar uma atriz de maior renome para o papel principal, reafirmando o compromisso do filme com a autenticidade da identidade greco-americana.

¹⁶ Segundo a Culturadoria (2020), a *sitcom* (abreviação de *situation comedy* ou comédia de situação) é um gênero televisivo que se distingue por retratar o cotidiano de personagens com personalidades bem definidas, porém comuns e identificáveis, inseridos em situações do dia a dia.

Acerca do enredo, a trama é ambientada na cidade de Chicago e segue a trajetória de Toula Portokalos, uma mulher de 30 anos pertencente a uma numerosa e expressiva família de imigrantes gregos. Toula trabalha no restaurante da família, o *Dancing Zorba's*, e vive sob a constante pressão de seu pai, Gus, que defende valores tradicionais rígidos, nos quais o destino da mulher grega restringir-se-ia ao casamento com um compatriota, à maternidade e à manutenção dos costumes. O conflito central da narrativa estabelece-se quando a protagonista decide buscar sua independência, ingressando no ensino superior e, subsequentemente, envolvendo-se afetivamente com Ian Miller, um professor universitário americano.

A relação entre Toula e Ian desencadeia um intenso choque cultural, uma vez que o pretendente não pertence à comunidade grega nem à Igreja Ortodoxa. O filme retrata, assim, a complexa jornada de negociação identitária da protagonista, que busca conciliar sua herança cultural com seus desejos pessoais de autonomia. Simultaneamente, observa-se o esforço de Ian em desenvolver competência intercultural para ser aceito pela família Portokalos, processo que inclui desde a tentativa de compreender os códigos sociais da família até a sua conversão religiosa. O sucesso de crítica e público, refletido na indicação ao Oscar de Melhor Roteiro Original, reforça a relevância da obra como um documento cultural capaz de dialogar sobre temas fundamentais como imigração, pertencimento, estereótipos e interculturalidade.

Para compreender como essas tensões identitárias e culturais se materializam discursivamente, a primeira categoria de análise debruça-se sobre a intrínseca relação entre linguagem e constituição do sujeito, investigando como a língua inglesa e seus marcadores culturais operam na construção da identidade dos personagens e na demarcação de fronteiras sociais. Para tal, a premissa que norteia esta discussão parte da concepção de Kramsch (1993), para quem a linguagem não é apenas um instrumento de troca de informações, mas um sistema simbólico que define a realidade cultural. Nesse sentido, não se pode dissociar a competência linguística da compreensão cultural que a molda. Na obra *My Big Fat Greek Wedding*, esse processo é evidenciado de forma contundente, demonstrando como a língua é utilizada tanto como uma ferramenta de estigmatização do “outro” quanto como um mecanismo de resistência e autoafirmação cultural.

Figura 4 – O Recreio Escolar



Fonte: *My Big Fat Greek Wedding* (2002, 00:03:14 – 00:03:34).

Um momento que reitera essa concepção, abordada no filme, é o retratamento da infância da protagonista Toula. A cena exposta acima funciona como uma metáfora do confronto entre a cultura hegemônica e a cultura imigrante. O ambiente escolar, frequentemente o primeiro local de socialização secundária onde a criança confronta a diferença, apresenta de um lado, um grupo de meninas loiras, cujas características fenotípicas¹⁷ e comportamentais representam o padrão normativo norte-americano. Elas consomem sanduíches de pão branco (*Wonder Bread*), um alimento que, na semiótica do filme, representa a assimilação, a neutralidade e a “branquitude”¹⁸ cultural, já do outro lado senta-se Toula, cujos traços mediterrâneos e cabelos escuros a marcam visualmente como o “outro”, portando uma lancheira metálica contendo um prato tradicional grego.

O conflito dessa narrativa explode no campo linguístico quando uma das meninas, assumindo uma posição de fiscalização da normalidade, questiona: *"What is that?"* (O que é isso?). A pergunta não carrega um interesse genuíno, mas um tom de estranhamento e repulsa. Ao responder *"It's Moussaka"* (É Moussaka), Toula utiliza um termo específico de sua *languaculture* (Agar, 1994), trazendo para o espaço público da escola uma palavra carregada de herança, sabor e história cultural e familiar. Contudo, a resposta do grupo dominante é a

¹⁷ De acordo com Peterson (2024), as características fenotípicas referem-se ao conjunto de traços físicos aparentes de um indivíduo, utilizados como critério principal em procedimentos de heteroidentificação.

¹⁸ Schucman (citada por Farias, 2019) diz que o conceito de branquitude deve ser compreendido para além de uma simples identidade racial individual, configurando-se primordialmente como um lugar de privilégio estrutural.

rejeição imediata, manifestada através de um jogo de palavras que distorce o termo para: "*Eww, Moose Kaka?*".

A análise deste diálogo revela camadas profundas de violência¹⁹ simbólica. Ao transformar a palavra "*Moussaka*" em "*Moose Kaka*" (que pode ser traduzido livremente como "cocô de alce"), as antagonistas realizam uma operação de exclusão através da linguagem. Elas não apenas rejeitam o alimento, mas associam a cultura do outro ao termo referenciado, ao sujo, ao indesejável. Sob a ótica de Bourdieu (1977), a língua é um mercado onde diferentes falantes possuem capitais distintos. As meninas americanas, detentoras da "língua legítima" e da cultura dominante, têm o poder de impor sua percepção sobre a realidade de Toula, desvalorizando seu capital cultural.

Este episódio ilustra vividamente o conceito de identidade e diferença discutido por Woodward (2017). A identidade do grupo "Nós" (as americanas) é fortalecida pela estigmatização do grupo "Eles" (a imigrante grega). A diferença é marcada não apenas pelo que Toula é, mas pelo que ela falha em ser: ela não é "normal", ela não come a "comida de gente", na concepção das americanas. O impacto dessa interação na subjetividade da protagonista é devastador: Toula cala-se e come sozinha. O silêncio, aqui, é o resultado da exclusão. Conforme Hall (1997), as práticas de representação têm o poder de produzir subjetividades; neste caso, a representação negativa imposta pelos colegas molda uma autoimagem fraturada em Toula, que cresce sentindo sua herança grega como um fardo, uma fonte de vergonha que a impede de pertencer plenamente à sociedade americana.

Entretanto, a análise da obra revela que a resposta à tensão identitária não é uniforme. Se na infância de Toula a língua serve para silenciar, na figura de seu pai, Gus Portokalos, a língua é utilizada como uma arma de resistência, ainda que através de um viés etnocêntrico.

¹⁹ Segundo Bourdieu (1989), trata-se de uma forma de violência sutil e muitas vezes invisível, que ocorre com a "cumplicidade" tácita entre quem a pratica e quem a sofre. Essa dinâmica acontece frequentemente sem que os envolvidos tenham plena consciência dos mecanismos de dominação, naturalizando a hierarquia imposta pelo detentor do maior capital simbólico.

Figura 5 – A Etimologia no Carro



Fonte: *My Big Fat Greek Wedding* (2002, 00:05:23 – 00:06:16)

No fragmento representado acima, observa-se uma dinâmica oposta. Gus, o patriarca, recusa-se a aceitar a posição de subalternidade cultural. Ele desenvolve uma narrativa pessoal na qual todas as palavras da língua inglesa, e, por extensão, toda a civilização ocidental, derivam do grego.

Ao desafiar qualquer pessoa a dizer uma palavra para que ele prove sua raiz grega, Gus subverte a hierarquia linguística. Quando um personagem sugere a palavra "*Kimono*", claramente de origem japonesa, Gus a conecta ao termo grego "*Cheimonas*" (inverno), argumentando: "*No inverno, o que você veste? Um roupão. E no inverno faz frio... então, kimono vem da palavra grega himonas [cheimonas]. Lá está!*". Embora a cena seja construída com um tom cômico, ela permite vislumbrar a função denominada por Lippmann (1956, citado por Dyer, 1999) de "fortaleza da tradição". Para o imigrante que vê sua cultura diluir-se na diáspora, afirmar que o inglês "vem do grego" é uma forma de reivindicar a propriedade simbólica do território onde vive. Ele não é um estrangeiro em terra alheia; ele é, em sua concepção, a origem daquela terra.

Essa postura de Gus agarra-se a uma identidade essencialista, fixa e coerente ("somos gregos, somos a origem de tudo") como defesa contra a fragmentação do mundo moderno. Enquanto Toula vivencia a "crise de identidade", sentindo-se dividida entre dois mundos, Gus opta pela hiperafirmação de sua origem. Dessa forma, percebe-se como a língua inglesa opera como um campo de batalha identitário. Na cena da escola, a língua é usada para erguer muros,

a incompreensão fonética e cultural gera o estigma ("Moose Kaka"). E já na cena do kimono, a língua é usada para tentar derrubar esses muros, mas de forma impositiva. Ambos os momentos corroboram a hipótese central desta pesquisa de que a comunicação em língua inglesa, especialmente em contextos interculturais e de imigração, nunca é neutra. Ela carrega o peso das relações de poder. Para Toula, a palavra em inglês era um lembrete de sua inadequação; para Gus, é uma ferramenta de validação. Essas interações iniciais preparam o terreno narrativo para o conflito central do filme: a necessidade de encontrar um "terceiro espaço" (Bhabha, 1994), onde a identidade não precise ser negada (como fez a criança Toula) nem imposta (como faz o pai Gus), mas negociada.

Portanto, os fragmentos demonstram que os aspectos culturais não são apenas "ruídos" na comunicação, mas a própria substância que dá sentido às interações. A competência linguística das meninas na escola ou a fluidez de Gus em inglês não foram suficientes para gerar entendimento mútuo, pois as barreiras erguidas eram de natureza cultural e identitária. A língua, despida de sensibilidade intercultural, tornou-se, nessas cenas, um instrumento de separação.

Um outro ponto de foco deste estudo, observado no filme, são as rupturas comunicativas que ocorrem não por desconhecimento gramatical da língua, mas pela ausência de referenciais culturais compartilhados. Para investigar esse fenômeno, recorre-se ao conceito de "pontos ricos" proposto por Agar (1994). Segundo o autor, os pontos ricos são momentos de estranhamento ou incompreensão na interação discursiva que sinalizam diferenças profundas entre as *languacultures* dos interlocutores. Eles são as "fissuras" na comunicação onde a cultura se torna visível. No filme *My Big Fat Greek Wedding*, essas fissuras são exploradas frequentemente para efeito cômico, mas, sob a ótica acadêmica, revelam a complexidade da competência intercultural.

Figura 6 – O Bolo *Bundt*



Fonte: *My Big Fat Greek Wedding* (2002, 01:05:45 – 01:08:00)

A cena do bolo (*bundt*) é um exemplo claro desse encontro. O episódio ocorre quando os pais de Ian, representantes da cultura americana protestante, são convidados para um jantar na casa dos Portokalos. Como gesto de cortesia, a Sra. Miller oferece à anfitriã, Maria Portokalos, um “*bundt cake*”, um bolo tradicional americano assado em forma anelar. O diálogo presente na cena retrata as distinções propostas por Smith e Christopher (2006) entre inteligibilidade, compreensibilidade e interpretabilidade. Quando a Sra. Miller diz “*It’s a Bundt*”, Maria ouve a palavra, inteligibilidade fonética, mas falha em atribuir-lhe o sentido correto. Ela repete, confusa: “*Bun? Bunk?*”. Mesmo após a Sra. Miller soletrar a palavra (“*Bund-t*”), a incompreensão persiste. A falha, nesse sentido, ocorre no nível da interpretabilidade cultural. Nos ideais culinários de Maria, um bolo com um buraco no centro não é uma categoria válida ou reconhecível; para ela, o buraco representa uma falha, algo que está quebrado ou incompleto. O *Bundt cake* é um artefato cultural que não possui tradução direta no repertório simbólico grego da matriarca. Diante do “ponto rico”, o objeto estranho e a palavra desconhecida, Maria recorre a uma estratégia de reparo cultural: ela coloca um vaso de flores no centro do bolo.

Ao preencher o “vazio” do bolo com um elemento decorativo, Maria está, simbolicamente, “consertando” a cultura do outro para que ela faça sentido dentro de sua própria lógica estética e gastronômica. A cena demonstra que a fluência na língua inglesa (que Maria possui) não é suficiente para garantir a eficácia comunicativa quando os interlocutores operam

com *scripts* culturais divergentes. O inglês, nesse contexto, serviu apenas como veículo para o mal-entendido, provando a tese de Agar (1994) de que a língua não pode ser separada da cultura que a informa.

Figura 7 – O Vegetarianismo de Ian



Fonte: *My Big Fat Greek Wedding* (2002, 00:56:41 – 00:57:35)

Outro momento significativo que ilustra o choque cultural e a rigidez dos esquemas mentais ocorre na cena da apresentação de Ian à Tia Voula. Durante o jantar, Toula, tentando ser educada, recusa um prato de carne oferecido a Ian, afirmando: "*He doesn't eat meat*" (Ele não come carne). A reação da sala é de silêncio absoluto e choque, como se uma regra fundamental da existência tivesse sido violada. Tia Voula, visivelmente perturbada, processa a informação e oferece uma solução: "*That's okay, that's okay. I make lamb*" (Tudo bem, tudo bem. Eu faço cordeiro). Esta interação pode ser vista sob a perspectiva da competência intercultural de Byram (1997). A resposta de Tia Voula revela uma incapacidade de "descentrar-se", ou seja, de ver o mundo através da perspectiva do outro. Em sua *languaculture*, a comida é o veículo primário de afeto e hospitalidade, e a carne ocupa o centro dessa hierarquia alimentar. O conceito de "vegetarianismo" é tão alheio à sua realidade que ela não consegue categorizar "cordeiro" como "carne" no sentido proibitivo. Para ela, "não comer carne" pode significar evitar cortes bovinos ou suínos, mas o cordeiro possui um *status* cultural tão elevado e essencial nas celebrações gregas que ele transcende a proibição.

Além disso, a cena evidencia o conflito entre o individualismo norte-americano e o coletivismo grego (Hall, 1976). Ao dizer que não come carne, Ian está afirmando uma escolha individual, uma preferência dietética que, na cultura americana, é respeitada como um direito pessoal. Para a família Portokalos, no entanto, a recusa da comida oferecida é lida como uma rejeição da comunhão e da hospitalidade do grupo. A insistência no cordeiro não é apenas uma teimosia culinária, mas uma tentativa desesperada de manter Ian dentro do círculo social da comensalidade²⁰. A análise dessas cenas corrobora a discussão de Smith e Nelson (1985) sobre a comunicação transcultural. Em ambos os casos, o bolo e o cordeiro, as palavras em inglês foram compreendidas em seu sentido literal, mas os significados culturais subjacentes (o gesto de trazer um bolo específico, a escolha ética de não comer carne) perderam-se na tradução cultural. Os personagens, embora falem a mesma língua, habitam mundos conceituais distintos.

Portanto, esses "pontos ricos" no filme servem para evidenciar que a comunicação eficaz em língua inglesa como segunda língua exige mais do que vocabulário, exige uma consciência intercultural (Baker, 2011). Os personagens falham inicialmente porque tentam interpretar os comportamentos do "outro" utilizando apenas as lentes de sua própria cultura. Os risos provocados nessas cenas nascem justamente da fricção entre esses dois sistemas de significados que colidem sem se encaixar perfeitamente.

Para sistematizar essas diferenças culturais e torná-las cômicas, a narrativa fílmica recorre a representações cristalizadas. Conforme discutido por Hall (1997), a mídia atua como um poderoso sistema de representação que não apenas reflete a realidade, mas a constrói ativamente. Nesse processo, o estereótipo emerge como uma estratégia discursiva fundamental para "fixar" o sentido, reduzindo a complexidade do "outro" a traços simplificados e facilmente reconhecíveis.

²⁰ Moreira (2010), aponta como o ato de partilhar alimentos, uma prática distintiva do *Homo sapiens sapiens* desde os tempos remotos da caça e coleta.

Figura 8 – O Jantar de Apresentação



Fonte: *My Big Fat Greek Wedding* (2002, 01:08:38 – 01:11:43)

A cena do encontro entre a família Portokalos e a família Miller é construída para enfatizar uma dicotomia cultural exagerada. De um lado, os Portokalos são representados através da noção do "étnico excessivo": barulhentos, invasivos e emocionais. Do outro, os Miller personificam o estereótipo americano protestante: contidos, silenciosos, fisicamente distantes e emocionalmente rígidos. A cena em vista, à luz da teoria da proxêmica²¹ de Hall (1966), revela um choque profundo nas normas de uso do espaço. A cultura grega é retratada como uma cultura de "alto contato", onde a proximidade física e o toque são sinais de acolhimento. Em contraste, os Miller pertencem a uma cultura de "baixo contato", onde a

²¹ Hall (1966, citado por Farsani e Rodrigues, 2021) configura como sendo a teoria do uso humano do espaço na comunicação, enfatizando que a distância física entre indivíduos durante uma interação carrega significados sociais e culturais que regulam as relações.

preservação da bolha espacial individual é sagrada. Durante a cena, observa-se um movimento: à medida que os gregos avançam para abraçar e incluir, os americanos recuam fisicamente, interpretando o gesto de inclusão como uma agressão ou invasão. Dyer (1999) argumenta que os estereótipos servem para trazer ordem à confusão da realidade, estabelecendo fronteiras claras entre o "normal" e o "desviante". No filme, a mídia reforça essas fronteiras inicialmente: a "normalidade" silenciosa e bege dos Miller é posta em choque com o "caos" colorido e ruidoso dos Portokalos. Contudo, é crucial notar que, embora o filme utilize esses estereótipos, ele não os valida hierarquicamente da maneira tradicional. Ao contrário de muitas produções hollywoodianas, onde o "outro" é o vilão ou o objeto de gozação, aqui a narrativa convida o espectador a rir *com* os gregos, e não *dos* gregos, subvertendo sutilmente a expectativa hegemônica e expondo a rigidez da cultura americana dominante como igualmente estranha ou "sem vida". A superação dessas barreiras estereotipadas e o desenvolvimento da competência intercultural culminam na cena final do "discurso de Gus", durante a festa de casamento.

Figura 9 – O Discurso de Gus



Fonte: *My Big Fat Greek Wedding* (2002, 01:26:02 – 01:27:12)

Este momento representa a resolução dos conflitos da obra. Gus, o personagem que iniciou a narrativa preso ao etnocentrismo (acreditando na superioridade da cultura grega),

demonstra uma evolução significativa em direção ao etno-relativismo²². Em seu brinde, Gus recorre novamente à etimologia, mas desta vez com um propósito conciliador. Ele explica que o sobrenome da família do noivo, "Miller", deriva do grego "Milo" (maçã), enquanto seu próprio sobrenome, "Portokalos", significa laranja. Sua conclusão, "*In the end, we're all fruit*" (No final, somos todas frutas), é uma metáfora para o conceito de hibridismo cultural.

Segundo Bhabha (1994), o "terceiro espaço" é uma zona de negociação onde as identidades não são simplesmente assimiladas (Ian não vira grego, Toula não vira americana padrão), mas rearticuladas. O discurso de Gus simboliza a entrada nesse terceiro espaço. Ele reconhece a diferença (maçãs e laranjas são distintas), mas estabelece uma base comum de humanidade (ambas são frutas). Essa atitude reflete o que Baker (2011) define como consciência intercultural: a capacidade de ir além das regras fixas e estereótipos para negociar significados de forma flexível e contextualizada. A cena final confirma que a competência intercultural não exige o abandono da própria identidade, Gus continua sendo orgulhosamente grego e Ian continua sendo americano, mas exige a disposição para o diálogo e para a acomodação mútua. O casamento, portanto, não é apenas a união de dois indivíduos, mas a fusão de dois mundos culturais que aprenderam a decodificar os "pontos ricos" um do outro.

Em suma, a análise dos dados aponta que, embora a mídia frequentemente perpetue estereótipos culturais para facilitar a narrativa, obras como *My Big Fat Greek Wedding* demonstram ser possível utilizar esses mesmos clichês para discutir a complexidade da interação humana. A comunicação eficaz em língua inglesa, como demonstrado pela trajetória dos personagens, depende menos da perfeição gramatical e mais da abertura para navegar as turbulências do choque cultural, transformando o estranhamento inicial em uma nova forma de convivência híbrida.

Diferente do falante nativo, que opera dentro de um código familiar, o falante de inglês como segunda língua habita o que Kramsch (1993) define como um "terceiro lugar", uma zona de fronteira onde a gramática da língua-alvo (inglês) colide constantemente com a visão de mundo da língua-mãe (grego). No filme, a relevância dos aspectos culturais na comunicação em ISL manifesta-se na maneira como a família Portokalos se apropria do inglês. Eles não falam o inglês padronizado da família Miller; eles falam uma variação étnica, marcada por interferências não apenas fonéticas (sotaque), mas pragmáticas. A comunicação em ISL aqui não é apenas a transferência de informações, mas um processo de negociação de significados. Um exemplo contundente dessa dinâmica ocorre na cena do "cuspe de boa sorte".

²² Bennett (1993) define o etnorelativismo como uma visão de mundo na qual as culturas só podem ser compreendidas em relação umas às outras.

Figura 10 – O Cuspe de Boa Sorte



Fonte: *My Big Fat Greek Wedding* (2002, 01:20:56 – 01:21:07)

Durante a cerimônia de casamento, enquanto Ian e Toula caminham pelo corredor, os parentes gregos proferem o som "*Ptou, Ptou, Ptou*" em direção ao casal. Sob uma perspectiva estritamente linguística normativa, ou baseada na etiqueta da cultura americana hegemônica, esse ato não-verbal comunica agressão, desprezo ou falta de higiene. Se a proficiência em inglês fosse julgada apenas pela gramática, esse momento seria um ruído comunicativo insolúvel. Contudo, a cena ilustra a complexidade do inglês como língua de contato intercultural. Para explicar o ato a Ian, os personagens precisam usar o inglês para traduzir um conceito intraduzível. Quando explicam "*It's for good luck*" (É para dar sorte), eles estão estendendo o campo semântico do inglês. Naquele contexto, o inglês deixa de ser a língua de Shakespeare ou de Hollywood e torna-se um veículo para a tradição grega.

Essa cena corrobora a ideia de que a competência comunicativa em ISL exige o que Baker (2011) chama de consciência dos quadros de referência cultural. Ian, o falante nativo, precisa desativar seus filtros culturais americanos para compreender o inglês falado pelos gregos. A frase "*It's for good luck*" dita enquanto se cospe cria um paradoxo para o ouvinte nativo. A comunicação só ocorre eficazmente quando Ian aceita que, no uso do inglês como segunda língua por aquela comunidade, o gesto agressivo foi ressignificado como afeto.

Além disso, observa-se no filme o fenômeno da alternância de códigos (*code-switching*) e do hibridismo linguístico. O inglês da família Portokalos é permeado por interjeições como "*Opa!*" ou termos como "*Yiayia*". Isso demonstra que a comunicação em ISL não visa o

apagamento da identidade original em favor da assimilação total; pelo contrário, o inglês é moldado para acomodar a identidade do falante. Gus Portokalos, ao falar inglês, impõe a estrutura de pensamento grego sobre a língua, criando uma comunicação que é, ao mesmo tempo, inteligível para os americanos, mas distintamente cultural.

Portanto, o filme evidencia que a eficácia na comunicação em língua inglesa como segunda língua não reside na representação perfeita do falante nativo, mas na capacidade de mediar diferenças. A cultura atua como o alicerce que sustenta a inteligibilidade. Sem a chave de leitura cultural, o inglês perfeito de nada serviria para entender o cuspe; com ela, constrói-se a ponte necessária para a interação. Conclui-se, assim, que ensinar ou analisar o inglês como segunda língua exige ir além da sintaxe e da morfologia, adentrando a esfera da competência intercultural, onde a língua é viva, dinâmica e profundamente marcada pela identidade de quem a fala.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa dedicou-se a investigar a intrínseca e complexa relação entre linguagem e cultura, tendo como objetivo central analisar a relevância dos aspectos culturais na comunicação em língua inglesa como segunda língua (ISL). Motivada pela percepção de que a competência comunicativa transcende o domínio gramatical e lexical, a investigação buscou compreender como a identidade cultural, os estereótipos e as negociações de sentido influenciam as interações entre falantes de diferentes origens. Para tal, tomou-se como objeto de estudo a obra cinematográfica *My Big Fat Greek Wedding* (Casamento Grego), um artefato cultural que ilustra as tensões e os encontros no “terceiro espaço” da interculturalidade.

O primeiro eixo de reflexão deste estudo debruçou-se sobre a compreensão da identidade cultural na comunicação de falantes de inglês como segunda língua. Dessa forma, a fundamentação teórica, ancorada nos Estudos Culturais de Hall (1997) e Woodward (2017), permitiu observar que a identidade é construída de forma relacional e, muitas vezes, por oposição. Os resultados indicaram que a língua inglesa transcende a neutralidade, atuando como vetor de poder e exclusão. Contudo, ao exercer agência ativa, o falante de ISL demonstra que essa comunicação carrega, intrinsecamente, sua herança cultural. Dessa forma, o discurso converte-se em um ato político de afirmação identitária diante da globalização.

No que tange ao segundo objetivo específico, investigar como a identidade afeta a interação e a superação de desafios comunicativos, os resultados apontam para a centralidade do conceito de “pontos ricos” de Agar (1994) e da distinção entre inteligibilidade e interpretabilidade proposta por Smith e Christopher (2006). A pesquisa demonstrou empiricamente que a fluência verbal não garante a compreensão mútua. Ficou evidente que os principais obstáculos na comunicação intercultural em língua inglesa não foram os sotaques ou erros gramaticais, mas os *scripts* culturais divergentes. Esses achados sugerem que a formação de falantes de inglês deve, obrigatoriamente, incluir o desenvolvimento da Competência Comunicativa Intercultural (Byram, 1997). Sem a capacidade de descentrar-se e ler as nuances culturais do interlocutor, a comunicação em inglês permanece superficial e sujeita a falhas pragmáticas graves.

Já a terceira dimensão explorada, referente às representações midiáticas e aos estereótipos, revelou a dualidade do papel da mídia. Se, por um lado, a dicotomia cultural gerada pela mídia produz humor, por outro, ela oferece um espaço para a desconstrução dessas visões estáticas. A análise baseada em Dyer (1999) e Lippmann (1956) permitiu compreender que os estereótipos funcionam como mecanismos de defesa e ordenação da realidade. Contudo,

o mais significativo neste aspecto reside na evolução dos falantes em direção ao hibridismo cultural. A metáfora apresentada no fim do filme, “no fim, somos todos frutas”, ilustra perfeitamente o conceito de “terceiro espaço” de Bhabha (1994). A comunicação não exigiu que nenhum dos indivíduos se tornasse o outro; exigiu a criação de uma zona intermediária de negociação. O inglês, nesse contexto, funcionou como língua franca²³, que permitiu essa negociação, um inglês modificado, adaptado e enriquecido pelas especificidades culturais dos falantes. Isso responde à questão sobre o impacto da globalização e do hibridismo: a interação em inglês como segunda língua não resulta necessariamente na homogeneização cultural, mas pode levar ao surgimento de novas identidades híbridas e fluidas. Outro ponto de destaque recai sobre a resignificação de gestos e palavras. Para um falante de inglês como segunda língua, aprender o idioma envolve também aprender a decodificar esses sinais não-verbais que contradizem a lógica da própria cultura ou da cultura da língua-alvo. A aceitação dos gestos simboliza o estágio final da competência intercultural: a empatia e a suspensão do julgamento etnocêntrico.

Desse modo, é possível afirmar que o uso da língua inglesa na contemporaneidade exige uma abordagem que vá além da competência linguística, que “saber inglês” implica saber percorrer os complexos sistemas de valores, crenças e comportamentos que os falantes trazem para a interação. Para qualquer falante dos “três círculos concêntricos” (Kachru, 1985), isso significa que o objetivo da comunicação não deve ser a imitação do falante nativo, mas a capacidade de se fazer entender e de interpretar o outro em um contexto de diversidade global. A língua inglesa, em sua posição de língua global, oferece as ferramentas verbais para essa conexão, mas é a cultura que fornece o conteúdo, a cor e o significado. Como demonstrado no estudo, a verdadeira comunicação ocorre quando as barreiras do estranhamento são transformadas em pontes de compreensão. O “entre-lugar” da cultura não é um obstáculo a ser removido, mas o espaço fértil onde novas formas de ser e de se relacionar podem florescer. Compreender os aspectos culturais na comunicação em língua inglesa é compreender a complexidade da condição humana em um mundo cada vez mais interconectado, onde a diferença não precisa ser sinônimo de divisão, mas o ponto de partida para o diálogo.

²³ Segundo Gimenez *et al.* (2015), o inglês como Língua Franca refere-se ao uso da língua como meio de contato e comunicação entre falantes de diferentes primeiras línguas (maternas), onde o inglês é a ferramenta de conexão e não necessariamente a propriedade cultural de nações anglófonas tradicionais (como EUA ou Reino Unido).

REFERÊNCIAS

- AGAR, M. **Language Shock: Understanding the Culture of Conversation**. New York: William Morrow and Company, 1994.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAKER, W. Intercultural awareness: modelling an understanding of cultures in intercultural communication through English as a lingua franca. **Language and Intercultural Communication**, Abingdon, v. 11, n. 3, p. 197-214, ago. 2011.
- _____. Intercultural communication. **ELT Journal**, Oxford, v. 78, n. 2, p. 212, abr. 2024. Disponível em: <https://academic.oup.com/eltj/article/78/2/212/7633887>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- BAKHTIN, M. M. [1979]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec. 2006.
- BARDIN, L. [1977]. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: 70. ed., 2011.
- BENNETT, M. Towards Ethnorelativism: A Developmental Model of Intercultural Sensitivity. In: PAIGE, R. Michael (Ed.). **Education for the Intercultural Experience**. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 1993. p. 21-71.
- BHABHA, Homi K. **The location of culture**. London: Routledge, 1994.
- BOURDIEU, P. **L'économie des échanges linguistiques**. In: Langue Française, Paris, n. 34. 1977.
- _____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. [1984]. **On television and journalism**. London: Pluto Press, 1998.
- BRASIL. **Guia de Comunicação Intercultural**. [s.l.: s.n.], 2019. Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/publicacoes/anexos/Guia_Comunicacao_Intercultural_0.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.
- _____. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. [s.l.]. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 01 set. 2024.
- BRITANNIA ENGLISH SCHOOL. **As dimensões culturais do inglês: insights para alunos B2**. 2023. Disponível em: <https://britannia-school.com/pt/as-dimensoes-culturais-dos-insights-de-ingles-para-alunos-B2/>. Acesso em: 01 set. 2024.
- BYRAM, M. **Teaching and assessing intercultural competence**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.
- BYTEDANCE. **CapCut**. Versão móvel. [S.l.]: Bytedance Pte. Ltd., 2025. Aplicativo móvel. Disponível em: <https://www.capcut.com/>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- CHU, J. M. (Dir.). **Crazy Rich Asians**. Estados Unidos: Warner Bros, 2018. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=86ae4d9ff9ee4dbaef3cac98a30633fd394d9393b6b347248924e58039a07fe0JmltdHM9MTczNTM0NDAwMA&ptn=3&ver=2&hsh=4&fclid=1e4a9ef8-d931-699b-2aa18f1ed81868d6&psq=crazy+rich+asians+online&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cubmV0ZmxpeC5jb20vcHQtZW4vdGl0bGUvODAyMzkwMTk&ntb=1>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CONEXÃO ESCOLA SME. **A influência dos aspectos culturais da Língua Inglesa**. 2023. Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/a-influencia-dos-aspectos-culturais-da-lingua-inglesa/. Acesso em: 01 set. 2024.

COOGLER, R. (Dir.). **Black Panther**. Estados Unidos: Marvel Studios, 2018. 1 DVD.

CRYSTAL, D. [1977]. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Disponível em: http://culturaldiplomacy.org/academy/pdf/research/books/nation_branding/English_As_A_Global_Language_-_David_Crystal.pdf. Acesso em: 10 mai. 2023.

_____. English worldwide. In: HOGG, R.; DENISON, D. (Eds.). **A history of the English language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 420-444. Disponível em: <https://www.davidcrystal.com/Files/BooksAndArticles/-4055.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2023.

CULTURADORIA. **O que é uma sitcom? Cinco séries do séculos 21 para maratona**. Culturadoria, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://culturadoria.com.br/o-que-e-uma-sitcom-cinco-series-do-seculos-21-para-maratonar/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

DA, I. **Stuart Hall - A Identidade em Questão** (“Identidade Cultural na Pós-modernidade” - p. 07-22). 2014. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.geledes.org.br/stuart-hall-identidade-em-questao-identidade-cultural-na-pos-modernidade-p-07-22/%3famp=1>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DYER, R. The Role of Stereotypes. In: MARRIS, P.; THORNHAM, S. (Ed.). **Media Studies: A Reader**. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999. p. 96.

EBERHARD, D. M.; GARY F. S.; CHARLES D. F. (eds.). **Etnólogo: Línguas do Mundo**. 6.ed. Dallas, Texas: SIL Internacional, 2023. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/insights/ethnologue200/>. Acesso em: 24 out. 2023.

FARIAS, E. **Pesquisadora explica conceito de branquitude como privilégio estrutural**. Agência Fiocruz de Notícias, Rio de Janeiro, 17 maio 2019. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/pesquisadora-explica-conceito-de-branquitude-como-privilegio-estrutural>. Acesso em: 22 nov. 2025.

FARSANI, D.; RODRIGUES, J. Proxêmica e comunicação não verbal na interação em sala de aula. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 25, e229866, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/Tsg786bVZ6g6pJXkbm6fHLf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000. p. 31.

FLUENCY CORP. **India's Relationship with the English Language**. [S.l.: s.n.], 2025. Disponível em: <https://fluencycorp.com/indias-relationship-with-the-english-language/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

GAY, P. D. *et al.* **Circuit of Culture**. 1997. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Circuit-of-Culture-du-Gay-et-al1997_fig1_351775086. Acesso em: 28 nov. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1999, p. 27.

GILES, H. (PDF) **Communication Accommodation Theory**. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/309394651_Communication_Accommodation_Theory. Acesso em: 30 nov. 2024.

GIMENEZ, T. *et al.* Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 593-619, jul./set. 2015. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/rbla/a/MYDYbjDqBK4\\$NBvxg6DBfjS/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/rbla/a/MYDYbjDqBK4$NBvxg6DBfjS/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 22 nov. 2025.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, 1995, p. 25.

HALL, S. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

_____. [1990]. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 13.

_____. **Beyond culture**. New York: Anchor Books, 1976.

_____. **The hidden dimension**. New York: Doubleday, 1966.

JENKINS, J. **The Phonology of English as an International Language**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KACHRU, B. B. **Standards, codification and sociolinguistic realism**: the English language in the outer circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. (Eds.). English in the world: teaching and learning and literatures. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985, p.11-30.

KRAMSCH, C. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993, p. 23.

LABOV, W. [1972]. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M.M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. [1966]. **The Social Stratification of English in New York City**. Arlington: The Center for Applied Linguistics. Disponível em: https://assets.cambridge.org/97805215/28054/frontmatter/9780521528054_frontmatter.pdf. Acesso em: 03 nov. 2024.

LIPPMANN, W. **Public Opinion**. New York: Macmillan, 1956.

MICHAELIS. **Monolítico** | Michaelis On-Line. 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Monol%C3%ADtico%20/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

_____. **Multicultural** | Michaelis On-Line. 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/multicultural/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

MOREIRA, S. A. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 62, n. 4, p. 23-25, out. 2010. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400009. Acesso em: 22 nov. 2025.

PETERSON, Marcus. **Características Fenotípicas**. Marcus Peterson Sociedade Individual de Advocacia, 2024. Disponível em: <https://marcuspeterson.adv.br/blog/caracteristicas-fenotipicas/#o-que-sao-caracteristicas-fenotipicas>. Acesso em: 22 nov. 2025.

PRIBERAM INFORMÁTICA, S.A. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. 2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/angl%C3%B3fono>. Acesso em: 28 nov. 2024.

RAJAGOPALAN, K. The concept of 'World English' and its implications for ELT. **ELT Journal**, v.58, n.2, 2004, p.111-117. Disponível em: <https://www.studocu.com/es-ar/document/universidad-autonoma-de-entre-rios/lengua-y-su-didactica/rajovapalan-the-concept-of-world-englishes-and-implications-for-elt/57760489>. Acesso em: 07 set. 2024.

RISAGER, K. **Language and culture: global flows and local complexity**. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

SAID, E. W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCOLLON, R.; SCOLLON, S. B. K.; JONES, R. H. **Intercultural communication: a discourse approach**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2012.

SIGNIFICADOS. **Significado de Semiótica** (O que é, Conceito e Definição). 2024. Disponível em: <https://www.significados.com.br/semiótica/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

_____. **Significado de Diáspora** (O que é, Conceito e Definição). 2024. Disponível em: <https://www.significados.com.br/diaspora/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p.136.

SMITH, L. E.; CHRISTOPHER, E. M. WHY CAN'T THEY UNDERSTAND ME WHEN I SPEAK ENGLISH SO CLEARLY? In: THUMBOO, E. (Ed.). **The Three Circles of English**. Singapore: Unipress, Centre for the Arts, National University of Singapore, 2001. p. 94-100.

SP ESCOLA DE TEATRO. **O que é mimese?** - SP Escola de Teatro. Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/o-que-e-mimese?amp=1>. Acesso em: 28 nov. 2024.

VIEGAS, M. R. **O inglês como língua internacional e o papel do falante nativo: um estudo em cursos de línguas em Porto Alegre**. 2018. Disponível em: [https://www.bing.com/ck/a?!&&p=6db1c95c4964477cf851795820429cfbf4875f5af0b4d7201df84554cb1b33c4JmltdHM9MTczNTM0NDAwMA&pfn=3&ver=2&hsh=4&fclid=1e4a9ef8-d931-699b-2aa1-8f1ed81868d6&psq=Sharifian+\(2009%2c+citado+por+Viegas%2c+2018%2c+p.2\)&u=a1aHR0cHM6Ly9wZXJpb2RpY29zLnVmc4uYnIvZ2VsbmUvYXJ0aWNsZS9kb3dubG9hZC8xNDM2Ny8xMDkwNQ&ntb=1](https://www.bing.com/ck/a?!&&p=6db1c95c4964477cf851795820429cfbf4875f5af0b4d7201df84554cb1b33c4JmltdHM9MTczNTM0NDAwMA&pfn=3&ver=2&hsh=4&fclid=1e4a9ef8-d931-699b-2aa1-8f1ed81868d6&psq=Sharifian+(2009%2c+citado+por+Viegas%2c+2018%2c+p.2)&u=a1aHR0cHM6Ly9wZXJpb2RpY29zLnVmc4uYnIvZ2VsbmUvYXJ0aWNsZS9kb3dubG9hZC8xNDM2Ny8xMDkwNQ&ntb=1). Acesso em: 28 nov. 2024.

ZWICK, J. (Dir.). **My Big Fat Greek Wedding**. Estados Unidos: Gold Circle Films, 2002. 1 DVD.

ANEXOS

ANEXO A – Declaração de inexistência de plágio.



DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Layla Stepanny Ramos Krage
estudante do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado O papel das relações culturais na eficácia da comunicação em língua inglesa. é de minha autoria. Declaro ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 11 / 12 / 2025.

Layla Stepanny Ramos Krage - 062010228

Discente - matrícula

ANEXO B – Declaração de (não) uso de inteligência artificial.



DECLARAÇÃO DE (NÃO) USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Eu, Layla Stepanny Ramos Fraga
estudante do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado O papel das relações culturais na eficácia da comunicação em língua inglesa é de minha autoria.

Considerando que recursos de inteligência artificial **não devem ser utilizados na escrita/produção da redação final do trabalho** de conclusão de curso, declaro também que durante a produção do texto:

() NÃO houve o uso de inteligência artificial

(X) SIM, houve o uso de Inteligência artificial. (Neste caso, informe abaixo o uso que foi feito e quais recursos foram utilizados, sabendo que a IA **não deve ser utilizada para escrita** do texto)

A Inteligência artificial foi usada no texto para:

- () revisão linguística do texto
- () elaboração de imagens e gráficos
- () tradução
- (X) Outros (especificar) transcrição de áudios do filme (objetivo), para legendagem dos fotogramas.

Cite os recursos de IA que foram utilizados (ex: Chat GPT)

Capcut.

Caetité, 11 / 12 / 2025.

Layla Stepanny Ramos Fraga - 062010228

Discente - matrícula

ANEXO C – Folha de aprovação assinada.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

FOLHA DE APROVAÇÃO

LAYLA STEFANNY RAMOS FRAGA

**O PAPEL DAS RELAÇÕES CULTURAIS NA EFICÁCIA DA COMUNICAÇÃO EM
LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de licenciado (a) em Letras – Língua Inglesa na Universidade do Estado da Bahia com nota: 10.

Caetité, 11 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente

gov.br REINALDO FERREIRA DA SILVA
Data: 30/12/2025 19:05:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Reinaldo Ferreira da Silva

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Prof. Dr. Danilo da Silva Santos Brito

Centro Multidisciplinar de Bom Jesus da Lapa - UFOB

Documento assinado digitalmente

gov.br POLYANNA CASTRO ROCHA ALVES
Data: 31/12/2025 11:18:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.(a) Dr.(a). Polyanna Castro Rocha Alves

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB